Jornal UFG

Impresso
Especial
9912229887-DR/GO
UFG
CORREIOS

PUBLICAÇÃO DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – ANO VII – Nº 50 – MARÇO – 2012

EDITORIAL

Jornal consolida-se na UFG

Em junho de 2006, quando circulou a edição nº 1 do **Jornal UFG,** persistia o desafio de manter uma publicação com periodicidade, indispensável a um produto com a pretensão de ser apropriado como veículo de divulgação do pensamento da comunidade universitária e também de promoção institucional da universidade. Apesar das dificuldades estruturais do início e das dúvidas naturais acerca do melhor formato e linguagem, a vontade da equipe trazia a certeza de que o **Jornal UFG** deveria ter qualidade editorial e apresentar-se como um instrumento fundamental da composição e manutenção da política de comunicação da universidade.

Logo nas primeiras edições a publicação incorporou o seu importante papel de contribuir para o registro da história da instituição. E hoje, com regularidade e permanência inéditas, ao circular a sua 50ª edição, vencemos o desafio de manter um jornal periódico. Ao longo de quase seis anos, amadurecemos, ao mesmo tempo em que mantivemos firmes alguns princípios iniciais que fizeram prevalecer a visão contextualizada e crítica dos fatos e uma linha editorial que reservou espaço plural para a manifestação do pensamento e para a divulgação do conhecimento produzido na UFG. São 11.500 exemplares circulando mensalmente e distribuídos em todas as unidades e órgãos dos Câmpus de Goiânia, Catalão, Jataí e Cidade de Goiás, além do envio por mala direta.

Uma incessante capacidade crítica e olhos abertos para as possibilidades de aperfeiçoamento são fundamentais para que o **Jornal UFG** se consolide como um referencial de leitura e de divulgação da produção acadêmica e dos caminhos da universidade em todas as áreas. A disponibilidade de um material que pode ser encontrado nos corredores da instituição e consumido em curto, médio e longo prazo contribui para a ampliação da visibilidade do conteúdo publicado. Ao divulgar os saberes produzidos na academia e ao propor a discussão de temas do presente e do passado da universidade, o **Jornal UFG** cumpre a missão de fortalecê-la e também de contribuir para o crescimento humano e intelectual de todos que a compõem.

Em uma universidade tão grande e tão diversa, todo esforço no sentido de integrar, apontar temas de interesse coletivo, falar do peculiar com um olhar do todo torna-se quase uma obsessão, visto que a academia é um lugar de produção de conhecimentos que às vezes circulam em espaços restritos. O jornal é um meio de divulgar esse conhecimento, de forma não acadêmica, para o público interno e externo. Resguardado pela regularidade de publicação, o **Jornal UFG** tem registrado em suas páginas momentos importantes da história da universidade, como a criação da turma especial de Direito para assentados da reforma agrária no Câmpus Cidade de Goiás, a criação da turma especial de Licenciatura Intercultural Indígena, a implantação do Programa UFGInclui de ações afirmativas, a participação no Reuni (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), a defesa do diploma do curso de Jornalismo, edições especiais em favor da consciência ambiental, campanha de combate e controle da dengue, entre outros.

Nesses anos de circulação regular, o **Jornal UFG** experimentou algumas mudanças, tanto editoriais como gráficas. E embora receba sempre alguns sinais de como é recebido, na forma de pautas, comentários por e-mail, telefonemas e contatos pessoais, que acenam para o relativo êxito da publicação, em 2011, uma pesquisa realizada sob a coordenação do professor Claudomilson Braga, do curso de Relações Públicas da UFG, que está na fase final de tabulação de dados, permitirá um diagnóstico preciso de como a comunidade acadêmica percebe o jornal. Com certeza a pesquisa oferecerá subsídios que nortearão melhorias específicas na publicação.

Silvana Coleta Santos Pereira é coordenadora de Imprensa da UFG e editora-chefe do Jornal UFG

CÂMPUS EM FOCO

Calouros são recebidos com atenção e alegria

Os classificados no Processo Seletivo 2012/1 da UFG efetuaram matrícula nos Câmpus de Goiânia, Jataí, Catalão e Cidade de Goiás, nos dias 1º e 2 de fevereiro. Foram convocados 4.242 estudantes na primeira chamada. A pró-reitora de Graduação, Sandramara Matias Chaves, ressalta que "todos os órgãos que têm algum tipo de envolvimento com a matrícula estiveram presentes para que o calouro fosse atendido com atenção, de forma rápida e tranquila".

Mesas com faixas identificando cada curso foram montadas pelos veteranos. Os calouros puderam inscrever-se nas associações atléticas, além de adquirir camisetas, canecas e mochilas personalizadas de cada curso. Alguns centros acadêmicos fizeram campanhas de doação de alimentos.

Mais três campanhas tiveram destaque: contra o trote violento; de prevenção à febre amarela, por meio de vacinação promovida com o apoio da Secretaria Municipal de Saúde; e pelo consumo consciente, que ofereceu a cada estudante uma caneca com a marca UFG, como incentivo à redução do lixo descartável.

Fotos: Carlos Siqueira

No dia 27 de fevereiro iniciou-se o primeiro semestre letivo de 2012, marcado em muitas unidades acadêmicas pela tradicional Semana do Calouro. Destinada a apresentar a UFG aos aprovados no último vestibular, a Semana do Calouro oferece aos novos estudantes atividades como palestras e reuniões de orientação com professores, servidores técnico-administrativos, coordenadores de curso e diretores de unidade. O reitor Edward Madureira Brasil participou de algumas das aulas inaugurais, falando sobre a instituição e apresentando aos alunos um panorama das oportunidades abertas a eles pela universidade, como projetos de extensão e pesquisa, mobilidade acadêmica e programas de intercâmbio.

Jornal UFG

Publicação da Assessoria de Comunicação
Universidade Federal de Goiás
ANO VII – Nº 50 – MARÇO 2012

ASCOM – Reitoria da UFG – Câmpus Samambaia
C.P.: 131 – CEP 74001-970 – Goiânia – GO
Tel.: (62) 3521-1310 /3521-1311 – Fax: (62) 3521-1169
www.ufg.br – imprensa@reitoria.ufg.br – www.ascom.ufg.br

Universidade – Reitor: Edward Madureira Brasil; **Vice-reitor:** Eriberto Francisco Bevilaqua Marin; **Pró-reitora de Graduação:** Sandramara Matias Chaves; **Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação:** Divina das Dores de Paula Cardoso; **Pró-reitor de Extensão e Cultura:** Anselmo Pessoa Neto; **Pró-reitor de Administração e Finanças:** Orlando Afonso Valle do Amaral; **Pró-reitor de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos:** Jeblin Antônio Abraão; **Pró-reitor de Assuntos da Comunidade Universitária:** Ernando Melo Filizzola.

Jornal UFG – Coordenadora de Imprensa e editora-geral: Silvana Coleta Santos Pereira; **Editora:** Silvânia de Cássia Lima; **Editora-assistente:** Michele Ferreira Martins; **Conselho editorial:** Angelita Pereira, Goiamérico Felício Santos, Ivan Torres Nicolau de Campos, Maria das Graças Monteiro Castro, Silvana Coleta, Venerando Ribeiro de Campos, Célia Sebastiana Silva; **Suplentes:** Valéria Maria Soledade de Almeida, Suely Henrique de Aquino Gomes; **Revisão:** Ana Paula Ribeiro Lopes e Maria José Soares; **Projeto gráfico e editoração eletrônica:** Cleomar Nogueira e Reuben Lago; **Fotografia:** Carlos Siqueira; **Reportagem:** Patrícia da Veiga Borges; **Colaborador:** Fábio Gaio; **Estagiários:** Anamaria Machado, Jaqueline Telis, Marcela Borges, Marina Celestino (jornalismo); Mário Braz (fotografia); **Bolsistas:** Pollyanna Lima e Nádilla Cardoso; **Secretário administrativo:** Leonardo Rezio; **Impressão:** Centro Editorial e Gráfico (Cegraf) da UFG.

Ângela Cristina Belém Mascarenhas

Os movimentos sociais estão achatados pelo discurso da conciliação?

Como será destaque na página 12 desta edição, a reportagem do **Jornal UFG** acompanhou no mês de janeiro, em Porto Alegre (RS), os debates do Fórum Social Mundial (FSM), evento que em 2012 foi realizado com o nome de Fórum Social Temático (FST). Trata-se de uma das principais reuniões das organizações de esquerda do mundo, que se estruturou com base na atividade crítica, mas que, no curso de 11 anos, teve sua capacidade de enfrentamento da realidade fragilizada. Tão logo retornou, nossa equipe sentiu necessidade de analisar os resultados do Fórum, bem como a atual conjuntura dos movimentos sociais. Convidou, então, Ângela Cristina Belém Mascarenhas, professora da Faculdade de Educação (FE) da UFG. Logo no início da entrevista, ela demarcou como base teórica de suas interpretações a "concepção marxista da realidade" e as ideias do filósofo húngaro István Mészáros. De acordo com esse enfoque teórico e prático, a sociedade deve ser vislumbrada e reconstruída "para além do capital". Confira trechos da entrevista, que tem continuidade no **Jornal UFG On-Line**.

Patrícia da Veiga

Que papel desempenha o Fórum Social Mundial (FSM) na história contemporânea?

O Fórum Social Mundial (FSM) foi muito importante, uma organização que trouxe esperança e conforto. Lembro do *slogan* que na época me encantou: "Um outro mundo é possível". Isso porque, no fim da década de 1980 e no início de 1990, pregava-se de maneira muito convincente que estávamos vivendo o fim da história, o fim das esperanças, no sentido de uma contraposição ao capitalismo, o fim das utopias socialistas. O FSM contestou tudo isso. Pouco mais de uma década depois da derrocada do Leste europeu e mediante a situação absolutamente agonizante de Cuba, presenciarmos a criação de um evento como o FSM, cujo objetivo inicial era a contraposição ao "pensamento único" e a tudo o que estava estabelecido, foi realmente um alento. Sua função foi retomar uma possibilidade de reorganização das esquerdas e contestar a lógica da, como diz o filósofo húngaro István Mészáros, "estrutura societal do capital". Outra característica importante do Fórum, em sua criação, foi seu âmbito global e sua possibilidade de unificar pessoas e pensamentos, transformar as redes de informação em redes de luta. Tecnicamente, a globalização poderia resultar em um grande processo de confraternização universal. No entanto, política e socialmente, estamos distantes disso. Essa é uma contradição evidente que, por meio do Fórum, foi transformada em alternativa para a contraposição. E tinha de ser, pois, como Marx já analisava no século XIX, um país ou grupo não faz revolução de forma isolada, só se enfrenta uma estrutura societal global com outra. Nessas 12 edições do evento, muita coisa mudou e as organizações de contraposição não foram fortalecidas. Pelo contrário, vivemos um momento muito forte da posição de conciliação entre capital e trabalho. Isso se reflete no Fórum, que está tomado por todas as contradições da realidade. Como aconteceu com o movimento sindical, o movimento feminista, o movimento camponês e outras organizações, a contraposição está cada vez mais fragilizada também no Fórum.

Carlos Siqueira

O momento de conciliação entre capital e trabalho a que a sra. se refere é uma consequência da reprodução das ideias da chamada "terceira via"?

Sim. Nos últimos 20 anos, como uma reação ao próprio "pensamento único" e pela constatação da falência do neoliberalismo, se procurou construir uma crítica, mas pelo caminho, como você ressaltou, da "terceira via". Trata-se de uma opção que propõe conciliar capitalismo e justiça social. Se analisarmos a fundo, notaremos que essa é a primeira via, mais uma vez, apropriando-se do discurso das esquerdas. Uso o termo "terceira via" como um grande guarda-chuva ideológico para dizer que o que está em voga é pregar o impossível, pois o que interessa ao trabalhador representa custo para o capital. Os movimentos sociais, sendo partes do todo, estão achatados por esse discurso. No movimento sindical, por exemplo, fazem o discurso da união com os agentes patronais para que as pessoas não fiquem sem emprego. Mas não precisamos meramente de emprego e, sim, de melhores condições, de vida, de humanização. Outro exemplo, na universidade pública, que é onde trabalho, isso também é evidente: os professores estão cooptados pelo modelo do empreendedorismo, dos projetos, do produtivismo. Ou seja, a conciliação está acontecendo em todos os âmbitos do mundo do trabalho.

No contexto de fragilidade da crítica ao capital, que análises podem ser feitas do Fórum Social Temático 2012 e dos discursos de combate à economia verde engendrados em seu tema central: "crise capitalista, justiça social e ambiental"?

Primeiramente, vale questionar o nome que deram à edição deste ano: Fórum Social Temático. Isso deixa claro o deslocamento da reivindicação inicial, que é de construir, em escala global, outro mundo. Na carta da Assembleia dos Movimentos Sociais, documento de 28 de janeiro, está escrito: "comprometidos com nossas lutas históricas, defendemos o trabalho decente e a reforma agrária". O que é "trabalho decente"? Como o trabalho se torna decente? Não está dito. Há um esvaziamento da palavra trabalho e de sua centralidade nos discursos. Não se concebe trabalho de forma ontológica. Trabalho, para Marx, por exemplo, é a potencialidade do homem, não um emprego. Trabalho não é atividade produtiva, mas sim produtora, criadora, realizadora, expressão da práxis, ação do homem no ambiente. Se não se recompõe a essencialidade humana, centrada no trabalho, não há a menor chance prática de transformação social. Também me chama a atenção no documento, o trecho que diz: "o objetivo de enverdecimento do capitalismo acompanhado pela imposição de novos instrumentos da economia verde é um alerta para que os movimentos sociais reforcem a resistência e assumam o protagonismo da construção de verdadeiras alternativas para a crise". Enverdecimento do capitalismo? Sinceramente, é outro esvaziamento do discurso. É uma fragilização de uma concepção, de uma posição política e de uma ação. A questão não é propagar ou combater o "verde" da economia, é solapar o capitalismo em sua base e recompor as relações da humanidade com a natureza e consigo mesma. O capital é ideologicamente eficaz, reformula-se com facilidade. Já existem muitas instâncias "enverdecidas" dentro do capitalismo, empresas com selos de qualidade e de responsabilidade ambiental. Desse modo, o que há para se combater nesse discurso de crítica à "economia verde"? Os setores produtivos já estão operando em bases ecológicas. O que demonstra que essa bandeira contra a "economia verde" é extremamente restritiva e de alguma forma um enaltecimento da "estrutura societal do capital". A crítica só tem sustentabilidade realmente se for além disso.

Na programação do Fórum, entre as atividades paralelas, foram destaque as reuniões da Universidade Popular dos Movimentos Sociais. Que avaliação a sra. faz dessa iniciativa, que parte do movimento estudantil e tem o apoio de nomes como o do sociólogo Boaventura de Souza Santos?

É bom que se diga que esse movimento está sendo encabeçado por uma parte do movimento estudantil, não pela União Nacional dos Estudantes (UNE). É uma proposta importante, mas é preciso discuti-la melhor. Falta amadurecer a formatação desse projeto, definindo não somente o que seria essa universidade popular, mas também qual o caminho para ela. Sei que essa ideia não é nova, mas ainda é incipiente. Nesse bojo, não só o caminho da universidade popular é interessante como também o da extensão popular.

Veja outros trechos dessa entrevista em: www.jornalufgonline.ufg.br

Olhar da unidade acadêmica auxilia no planejamento da universidade

Cada unidade acadêmica dedicou uma semana à atividade de planejar o ano letivo e refletir sobre o desenvolvimento da UFG como uma instituição formadora

Marcela Borges

Todos os anos, toda equipe de cada unidade acadêmica reúne-se para discutir planos de ensino e os projetos pedagógicos dos cursos. Para facilitar esse momento de discussão aprofundada acerca da prática na universidade, o Planejamento Pedagógico e Administrativo (PPA) este ano passou a fazer parte do Calendário Acadêmico da UFG. Entre os dias 13 e 24 de fevereiro, as unidades acadêmicas tiveram um período especial em que os servidores docentes e técnico-administrativos ficaram disponíveis, sem a correria das aulas, para que pudessem participar das atividades com mais tranquilidade.

A Reitoria, por meio da Pró-reitoria de Graduação (Prograd), estimula a realização dessa semana, considerada de fundamental importância para uma instituição, como a UFG, que desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão, em estreita relação com a sociedade. Um planejamento sólido é indispensável para que todas as atividades sejam desenvolvidas com excelência. "Este é um momento para reflexão da universidade e planejamento das atividades do ano, mas também uma ocasião para discutir o nosso papel como instituição formadora, comprometida com o desenvolvimento do estado", definiu o reitor, Edward Madureira Brasil.

A pró-reitora de Graduação, Sandramara Matias Chaves, responsável pela iniciativa, ressaltou o valor dessa atividade: "Esperamos que as unidades acadêmicas continuem desenvolvendo seus planejamentos e que cada vez mais nós consigamos agregar professores, servidores técnico-administrativos, representantes estudantis nessas atividades, que só vêm enriquecer o trabalho desenvolvido, ampliar as possibilidades de discussão e conferir maior qualidade a todos os processos desenvolvidos na UFG".

Projeção de desenvolvimento – O reitor participou da semana do Planejamento Pedagógico e Administrativo proferindo uma palestra em dez unidades sobre "Os desafios da UFG em relação ao cenário nacional das universidades". A fim de informar professores, coordenadores e servidores técnico-administrativos acerca da posição da UFG perante as demais instituições federais de ensino superior (IFES), Edward Madureira fez uma retrospectiva da situação do sistema federal de ensino superior desde 2005, tomando como referência a implantação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). Para concluir, o reitor traçou um prognóstico da UFG, apresentando uma análise sobre a dimensão do seu potencial.

Segundo ele, graças ao Reuni, a universidade cresceu mais de 50%, tanto fisicamente quanto em número de professores e alunos. E esse crescimento se fez sem perder a qualidade. Agora, com o novo sistema federal e as políticas públicas dirigidas à educação, tudo indica que novos ciclos de expansão virão. Seguindo o modelo multicâmpus, em breve a UFG terá dois novos câmpus, um em Aparecida de Goiânia e outro em Cidade Ocidental. Outros pontos destacados pelo reitor foram o novo programa instituído pelo governo federal, Ciência sem Fronteiras; o crescimento de 104,8% do quadro de professores doutores e a posição da universidade em relação às outras IFES.

O reitor expôs uma visão global e otimista sobre a posição da UFG no cenário nacional. Mas também mostrou que há muitos desafios a superar. Entre eles, destacou a necessidade de aumentar o quadro de servidores técnico-administrativos, principalmente os de nível superior, cuja remuneração inicial não é atrativa. Segundo Edward Madureira Brasil, para mudar essa situação é necessário "oferecer, além de condições de trabalho, perspectiva de carreira. Trata-se de premissa fundamental para se construir uma universidade diferenciada e cada vez mais forte".

Palestras – Um exemplo de atualização e investimento da UFG foi dado por uma das atividades da semana do Planejamento Pedagógico e Administrativo da Escola de Veterinária e Zootecnia (EVZ). A demonstração do uso do projetor interativo tinha por objetivo apresentar aos professores a nova tecnologia audiovisual educacional, que, posteriormente, será incorporada aos recursos da escola, com a aquisição de dois equipamentos. Essa tecnologia permite ao professor, utilizando o dedo ou uma caneta específica, escrever e acessar a internet, ferramentas do computador, além de gravar e armazenar o conteúdo da aula (áudio e anotações) no *e-mail* ou *pendrive.*

A semana pedagógica teve a participação de docentes convidados de outras universidades. "Desafios para ensinar na universidade: metodologias ativas de aprendizagem" foi a palestra promovida em parceria pelas Faculdades de Nutrição (Fanut) e de Farmácia (FF) e ministrada pelo professor Marcos Tarciso Masetto, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e da Universidade Presbiteriana Mackenzie. A palestra reuniu professores da área da saúde num debate sobre as opções de metodologia para o ensino superior. Masetto é especialista na área de educação, com ênfase na formação pedagógica de professores universitários, abordando principalmente a importância do ensino contextualizado na sociedade.

Outra atividade voltada para o aprimoramento docente foi realizada no Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública (IPTSP) pelo professor de Saúde Coletiva Mauro Elias (IPTSP). O objetivo da atividade era "desfocar" os profissionais da saúde do tecnicismo e instigá-los a refletir sobre as relações de trabalho e vida pessoal. "A relação interpessoal talvez tenha tanta relevância quanto o conteúdo que levamos para a sala de aula", comentou a professora Flávia Aparecida de Oliveira, uma das coordenadoras do evento. A atividade foi desenvolvida em clima descontraído e com uma série de perguntas dos próprios professores, que durante a semana pedagógica se reencontraram na posição de aprendizes.

Fotos: Carlos Siqueira

O Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública (IPTSP) foi uma das unidades que recebeu a visita do reitor Edward Madureira para falar sobre a UFG no contexto do sistema federal de ensino superior

Na Escola de Veterinária e Zootecnia, demonstração do projetor interativo, o novo recurso didático da unidade

Pesquisas sobre saúde bucal contribuem com serviço público

Coordenadas pela Faculdade de Odontologia da UFG, pesquisas realizadas em 2010 têm como objetivo ajudar o governo a elaborar políticas públicas e a combater as desigualdades sociais

Anamaria Rodrigues

Em parceria com as Secretarias Municipal e Estadual de Saúde, a Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Goiás (UFG) divulgou, no final de janeiro, os resultados de duas pesquisas sobre a saúde bucal dos goianienses, realizadas em 2010. O objetivo de ambas foi conhecer a condição de saúde bucal da população, com a finalidade de avaliar ações existentes e de subsidiar futuras ações do serviço público.

A primeira pesquisa abrangeu um conjunto de 2.075 escolares, das redes pública e privada, com idade de 12 anos, distribuídos por distritos sanitários da capital. A Organização Mundial de Saúde (OMS) estabelece 12 anos como a idade de referência para comparação mundial. Na pesquisa utilizou-se um índice chamado CPOD (dentes cariados, perdidos e obturados), que tem por função avaliar a média dos dentes afetados pela cárie por indivíduo. Na década de 1980, quando o índice de cárie ainda era muito elevado, a OMS estabeleceu como meta que cada criança nessa idade não tivesse mais do que três dentes atacados pela cárie até o ano de 2000.

Os resultados para Goiânia são considerados satisfatórios. Desde 2003, ano da última pesquisa, a cidade conseguiu atingir essa meta, com o CPOD de 2,3 dentes atacados pela cárie. Em 2010, a redução foi ainda maior, tendo como índice a média de 1,5 dentes atacados, ou seja, metade do que foi proposto pela OMS dez anos antes. Além disso, na maior parte dos casos os dentes atacados pela cárie já foram restaurados. Segundo a professora da Faculdade de Odontologia da UFG, Maria do Carmo Freire, tal redução da incidência de cárie deve-se provavelmente ao uso de flúor na água de abastecimento e em cremes dentais, além de outras ações desenvolvidas pelos serviços públicos, voltados para a educação e a prevenção em saúde.

Já a segunda pesquisa faz parte do projeto SB Brasil 2010, desenvolvido pelo Ministério da Saúde a fim de obter um levantamento nacional da saúde bucal dos brasileiros. Esse levantamento é realizado em domicílio e envolve todas as capitais brasileiras, o Distrito Federal e alguns municípios de cada região do Brasil. Mais ampla que a outra pesquisa, que focalizou somente escolares de 12 anos, esta também envolveu a idade de de 5 anos e as faixas etárias de 15 a 19 anos, de 35 a 44 anos e de 65 a 74 anos. Em Goiânia participaram 1.215 indivíduos.

Para 5 anos, a meta da OMS propunha que metade das crianças nessa idade estivesse livre de cáries no ano 2000. Pelo levantamento em 2010, as crianças goianienses já atingiram a meta, sendo que 52% delas não apresentaram dentes atacados pela cárie. Mas há ainda razão para se preocupar, uma vez que a maior parte dos dentes cariados não foi tratada. De acordo com Maria do Carmo Freire, os prováveis motivos para o problema da cárie nessa faixa etária encontram-se no alto consumo de açúcar desde os primeiros anos de vida e a pouca oferta de projetos do serviço público para essa faixa etária. "Geralmente os programas de promoção e prevenção estão voltados para o escolar e muitas crianças de 5 anos ainda nem entraram na escola", ela explica. Outro fator que pode contribuir é a falta de informação das famílias. Por se tratar dos chamados dentes de leite, que serão trocados pelos permanentes, os pais muitas vezes não dão a devida atenção.

Entre os adultos e os idosos, o índice de dentes cariados é alto. Cerca de 88% dos idosos em Goiânia precisam de algum tipo de prótese, seja parcial ou total. O resultado gera um alerta para a necessidade de aumentar o número de unidades de tratamento que possam oferecer próteses aos idosos.

Segundo a professora Maria do Carmo, essas pesquisas, além de ajudar no planejamento das ações de vigilância da saúde bucal da população, têm contribuído academicamente na graduação e na pós-graduação, subsidiando a elaboração de trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses. "A participação de estudantes em projetos dessa natureza incentiva o interesse pela pesquisa desde a graduação, buscando formar pesquisadores com consciência social e que possam contribuir efetivamente para a melhoria das condições de saúde da população", afirmou a coordenadora.

Ambas as pesquisas fazem parte do Centro Colaborador de Vigilância em Saúde Bucal da Faculdade de Odontologia da UFG, vinculado ao Ministério da Saúde. Além de Maria do Carmo Freire, participaram também a professora Maria de Fátima Nunes, duas mestrandas da FO/UFG, quatro mestrandas do NESC/UFG e duas alunas de graduação.

Divulgação

Ministério da Saúde constata que em termos de boa saúde bucal, o Centro-Oeste perde apenas para as Regiões Sul e Sudeste

O mal do açúcar

É claro que escovar os dentes ajuda a prevenir a cárie, pois reduz a placa bacteriana causadora da doença. Além disso, o flúor que está presente no creme dental contribui para a prevenção da cárie. Mas esse hábito não é suficiente para eliminar a cárie, se o indivíduo ingere açúcar frequentemente. As crianças são as grandes vítimas, tendo a experiência de cárie muito cedo, ainda na dentição decidua (dentes de leite), já que seu cardápio costuma incluir bolachas, refrigerantes, chicletes, balas e outras guloseimas à base de açúcar.

De acordo com a professora da Faculdade de Odontologia da UFG, Maria do Carmo Freire, é fundamental diminuir o uso de açúcar e de produtos industrializados com esse ingrediente e aumentar o consumo de frutas e verduras, para se proteger não apenas da cárie, mas também das chamadas doenças cônicas, como as cardiovasculares, o câncer, o diabetes e a obesidade. Os cereais são igualmente importantes.

Na mesma semana em que foram divulgadas essas pesquisas, cientistas da Universidade da Califórnia, em São Francisco, publicaram um artigo na revista *Nature,* comparando o perigo do açúcar com o do álcool e do tabaco. Segundo eles, em razão do consumo exagerado de açúcar, pela primeira vez na história, doenças não infecciosas ultrapassaram as doenças infecciosas como causa de morte.

Como solução, os cientistas sugerem que o governo controle o uso do açúcar. Segundo eles, alimentos industrializados açucarados deveriam sofrer uma taxação, a venda em escolas deveria ser limitada e para comprar esses produtos deveria ser exigida uma idade mínima. Mas os estudiosos concordam que implantar essas medidas é um desafio, pois, ao contrário do tabaco e do álcool que são dispensáveis, o açúcar está presente nos alimentos, dificultando tal regulação.

"No Brasil, apesar da redução da cárie em crianças, está havendo aumento na prevalência da obesidade e das doenças crônicas não transmissíveis mesmo em crianças. Assim, a preocupação com a saúde bucal e sua relação com a cárie dentária não deve ser vista de forma isolada", afirma Maria do Carmo Freire.

Programas de acesso à moradia e a especulação imobiliária em Goiânia

Kharen Stecca, Michele Martins e Silvânia Lima

Os programas oficiais de habitação, com orçamentos vultosos, constituíram um dos principais motes da última campanha eleitoral para a Presidência da República e ainda permanecem como a grande promessa de aquecimento da economia. Apesar da crise internacional, o governo brasileiro avalia que é preciso manter os investimentos no setor para que o ritmo de crescimento da economia volte a atingir os patamares de 2010, com registros em torno de 5% ao ano.

A exemplo do que ocorre em outras capitais, muitos problemas permeiam o setor de habitação na região metropolitana de Goiânia. A não-obediência ao plano diretor da cidade, a ocupação de áreas de preservação ambiental, a falta de projetos de urbanização, as evidências de especulação imobiliária e a supervalorização dos imóveis. Mas, sem dúvida, a dificuldade de acesso à moradia pelas camadas mais carentes da população ainda é o maior desafio a ser superado. Tendo em vista a relevância do assunto, o **Jornal UFG** e a Rádio Universitária (870 AM) não poderiam deixar de trazê-lo à discussão.

Foram convidados a falar sobre as implicações da especulação imobiliária na região metropolitana de Goiânia as professoras Maria do Amparo Albuquerque Aguiar, diretora da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia (FACE) da UFG, e Celene Cunha Monteiro Antunes Barreira, do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), e o coordenador da União Nacional pela Moradia Popular, Vidal Barbosa da Silva. Os convidados participaram da mesa-redonda realizada na Rádio Universitária, sob o comando das jornalistas Michele Martins e Silvânia Lima.

Quais as características do plano diretor de Goiânia e até que ponto ele é respeitado?

Celene Barreira – No que se refere à promoção do acesso à moradia, o plano diretor de Goiânia é bastante vago. Na redação final do documento as metas são bem gerais, como as estratégias definidas pelo eixo de construção: promoção de uma política habitacional, direcionada aos setores de baixa renda; promoção da regulamentação fundiária; promoção de parcerias público-privadas para o setor de habitação; implantação de estratégias para o programa de moradia e aplicação de instrumentos redistributivos da ocupação urbana. Além disso, o documento que deu origem à lei do plano diretor traz um diagnóstico bastante sucinto, considerando somente a cidade de Goiânia, e não a região metropolitana que envolve seu entorno. Goiânia não pode mais ser pensada em separado. Mesmo porque a região metropolitana é composta por 22 municípios. O documento carece de regulamentação. A maior parte do plano não foi regulamentada pela Câmara Municipal, o que significa que ainda não tem aplicabilidade. A última versão do Plano Diretor de Goiânia é de 2010.

A concepção e a forma de elaboração dos planos diretores contribuem para que eles sejam eficientes?

Maria do Amparo – Cada vez mais são aprovados planos diretores tendo por característica a não-objetividade. São muito vagos, nada neles é preciso. Sobre o tema da moradia ainda temos de considerar as implicações quanto do repasse de recursos, geralmente centralizado governo federal. Nesses dois últimos anos, por exemplo, sentimos no Brasil os reflexos de uma crise econômica mundial, os recursos orçados não foram repassados ainda. Há também o sistema da construção civil, que é essencialmente empresarial. Tudo isso traz consequências à cadeia de construção porque as moradias não saem baratas, o que dificulta o acesso da camada menos favorecida da população. Então, na prática, o plano não aponta soluções para o problema da moradia. Ainda mais por se tratar de um plano municipal, que não contempla a região metropolitana, o que representa uma situação gravíssima, porque Goiânia é o centro onde a oferta de trabalho, de serviços e de comércio é maior.

Vidal Barbosa – Creio que o plano diretor é uma diretriz avançada, mas que infelizmente não é colocada em prática. Ainda precisa ser regulamentado para contemplar as áreas de moradia, transporte, acessibilidade. Poucos aspectos foram regulamentados, como os que determinam o uso do solo e as edificações, por exemplo. No entanto, acredito que seria preciso mudar a legislação, porque no sistema federativo, o município só pode legislar sobre o seu território, cabendo ao estado fazer um plano diretor para as regiões metropolitanas, tanto nas proximidades de Goiânia quanto no entorno de Brasília. Por isso, precisamos pensar em uma política de alcance "macro". Mas cabe ao estado exercer esse papel. E cabe também a nós, dos movimentos sociais, com o respaldo da sociedade e da academia, fazer uma cobrança mais sistematizada para que isso aconteça.

Como pessoa atuante nesses movimentos, o que pensa dos atuais programas governamentais para a moradia?

Vidal Barbosa – Esses programas para a moradia que estão sendo conduzidos atualmente pelas prefeituras e governos dos estados estão fazendo mais mal do que bem. Principalmente o Minha Casa, Minha Vida. Participei da fase de elaboração do programa e o que ficou muito claro para mim é que o programa, na verdade, não veio para levar a moradia para o povo, mas sim para salvar setores da construção civil que estavam quebrados. Não havia oferta de empregos no setor. O surgimento das casas seria uma consequência. Por isso, precisamos fazer bom uso dessas consequências, atendendo às pessoas que precisam mais da proteção do Estado. É nesse contexto que conseguimos avaliar os programas habitacionais existentes hoje. Como estão, são maléficos para a sociedade, porque promovem o surgimento de habitações em regiões longe dos centros das cidades, encarecendo, assim, os custos da educação, da segurança e do transporte, fazendo com que essas pessoas percam, a cada dia, a pouca qualidade de vida que já possuem.

O que representa para a economia a expansão do mercado imobiliário?

Maria do Amparo – O problema da especulação imobiliária é muito sutil, porque, como disse o Vidal, os próprios programas habitacionais do governo contribuem para essa realidade. Se há a construção de conjuntos habitacionais em locais muito distantes dos centros das cidades, onde há a maior oferta de empregos, por exemplo, isso valoriza o espaço intermediário entre o novo e o que já estava estabelecido. Na verdade, é uma situação difícil de ser contida. Por outro lado, na medida em que valoriza o intermédio, há a valorização da parte que já estava habitada, ocorrendo, assim, o adensamento de alguns locais. Em decorrência desse processo, notamos também a verticalização das edificações, a construção de condomínios verticais. À medida que o terreno fica mais caro, ele tem de ser aproveitado ao máximo. Nesses casos, ganham menos os proprietários da terra do que os empreendedores imobiliários.

Quer dizer, então, que a moradia popular não serve apenas a quem precisa dela, pois termina favorecendo especialmente os empresários construtores. Mas, no balanço final, isso não seria bom para a economia? Até que ponto vale a pena esse tipo de política?

Celene Barreira – Com a regulamentação dos estatutos das cidades, que veio após a Constituição de 1988, surgiram alguns elementos que poderiam frear esse tipo de especulação citada pela professora Maria do Amparo, como, por exemplo, a adoção do imposto progressivo, que consiste em uma forma especial de cobrança sobre os lotes urbanos não ocupados. A partir da regulamentação efetiva do plano diretor, os proprietários de lotes urbanos terão um tempo de cerca de dois anos para ocupar a área. Se não ocuparem, o imposto será aumentado progressivamente de acordo com uma alíquota definida na regulamentação. Essa medida diminuiria a especulação nas áreas vazias das cidades, identificadas pela professora Amparo como "intermediárias". Quando observamos o mapa de Goiânia, verificamos que, efetivamente, não há mais espaços para a mancha urbana expandir. Em outras regiões pelo mundo o conceito de cidades compactas é o que prevalece. Isso implica a facilidade de conexão. A Carta de Atenas, que foi o documento que norteou o urbanismo no mundo todo desde os anos de 1930, já dizia que o tempo máximo que um trabalhador deveria gastar no percurso da sua casa até seu trabalho teria de ser de quarenta minutos. Não é isso que acontece nas regiões metropolitanas atualmente. Pessoas chegam a gastar até duas horas nesses deslocamentos. Foi previsto, ainda, no plano diretor o sistema de gestão participativa, colegiada, por meio de conselhos. Toda a gestão municipal deve se dar por meio da atuação dos conselhos. Essa é a chamada "governança" de que se fala.

Maria do Amparo, diretora da Faculdade de Administração, Ciência Contábeis e Economia (FACE) da UFG

Vidal Barbosa – O que mais nos preocupa quanto à especulação imobiliária é o que acarreta para o desenvolvimento econômico. Os mutuários estão pagando hoje uns R$ 400 mil por imóveis que, na verdade, custam uns R$ 200 mil. Quando já não tivermos esse volume todo de dinheiro circulando – porque o governo não vai continuar injetando R$ 70 bilhões por ano para aplicar na moradia – pode ser que os proprietários queiram vender os imóveis pelo preço que pagaram, mas só conseguirão de volta a metade do que investiram, se acharem compradores. Esse tipo de desenvolvimento que hoje está sendo promovido pode gerar sérias dores de cabeça, porque o preço colocado não é o justo. Estamos diante de preços majorados, especulados.

Fotos: Carlos Siqueira

Vidal Barbosa, coordenador da União Nacional pela Moradia Popular

Celene Barreira, professora do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) da UFG

Celene Barreira – Com o resultado das pesquisas que tenho desenvolvido nessa área, no entorno de Goiânia, o valor médio de um lote de 250 m², considerado pequeno, está por volta de R$ 48 mil até R$ 50 mil. Um alqueire situado no meio-norte de Goiás custa o mesmo. Então, é realmente preocupante esta situação da especulação imobiliária. Outra situação problemática é o uso da propaganda por parte das empreiteiras.

Vidal Barbosa – Em um debate entre os movimentos de moradia e técnicos da Prefeitura de Goiânia, há mais ou menos oito anos, aqui mesmo na Rádio Universitária, comentamos que na região do Jardim Nova Esperança, Jardim Curitiba e Jardim Primavera não se poderia construir mais moradias, porque a Carta de Risco de Goiânia não permitia. E o principal motivo seria a contaminação do lençol freático e o comprometimento do abastecimento de água da população. Para nossa surpresa, vimos que hoje é onde estão sendo construídos vários condomínios verticais, do mesmo lado que anos atrás a Carta de Risco não permitia.

Quais são as consequências do não-cumprimento de um plano diretor?

Maria do Amparo – É importante ressaltar que não é só esse plano que não está sendo cumprido. Há um problema de continuidade daquilo que está nos planos. O Plano Diretor de Goiânia já mostrava que cidade não deveria crescer para o norte em razão dos mananciais que abastecem a cidade, para não poluí-los. E o que vemos é um verdadeiro "arrombamento" em direção ao norte. E, igualmente, há outras regiões cuja ocupação deveria ser postergada, de acordo com estudos anteriores, e que já estão sendo também dinamizadas. O poder público vai pagar um preço alto por isso. Por exemplo, no caso dos mananciais ficarem inviabilizados, como será feito para trazer a água? O custo será muito alto. Da mesma forma, os gastos a serem empreendidos para a recuperação desses mananciais. Vejamos o que ocorre em São Paulo, que, atualmente, paga caro para tentar recuperar alguma coisa daquilo que foi perdido. O poder público tem de investir na melhoraria do transporte, um transporte que seja de massa, de porte popular. Em vez disso, têm-se investido em mais vias, viadutos, alargamento de ruas e uma série de outras grandes obras, em função do aumento do número de carros no trânsito. São ações que vão encarecendo cada vez mais o custo das cidades. E isso sem contar o custo da diminuição do bem-estar, da piora da qualidade de vida. Tudo isso acarreta custos enormes para o poder público e para as pessoas.

Quais mananciais da região norte da cidade podem ficar comprometidos com essa expansão imobiliária?

Celene Barreira – Principalmente o Rio São Domingos, o próprio Meia Ponte, o Ribeirão João Leite e o Rio Caldas. Esses cursos d'água são as opções que Goiânia tem, e não digo só Goiânia, mas a região metropolitana. Isso é muito mais sério. Considerando o meio ambiente, nós estamos na região de contato entre dois ambientes. Goiânia está, na verdade, numa área de Cerrado. E esses mananciais, à margem direita do Meia Ponte, compõem um cenário de mata, de floresta, portanto, com uma densidade hidrográfica maior. E, repito, são nossos únicos recursos hídricos. Os rios que estão na margem esquerda são menos caudalosos e estão a distâncias maiores. A quarta opção de abastecimento em Goiânia e região metropolitana seria o Rio dos Bois, cuja exploração seria muito mais onerosa. A Carta de Risco faz um alerta à própria fragilidade dos mananciais diante de movimentos, como ocorre agora, que viabilizam a ocupação da região. Este é o principal ponto: garantir o abastecimento, não só de Goiânia, mas de toda a região metropolitana.

Nessa região, localiza-se também o Goiânia II, muito próximo de áreas de preservação, onde se percebe em curso um adensamento. O que ocorre ali?

Celene Barreira – A UFG, por meio do IESA, participou de uma comissão que analisou a implantação daquela área da forma como está. Aquela área habitacional foi aprovada ou foi loteada de acordo com projetos elaborados em 1981. Portanto, antes da Constituição, antes do Estatuto da Cidade e de toda essa legislação nova, inclusive do novo Código Florestal. Naquela época, ele foi aprovado, regulamentado e parcialmente povoado. Ficou uma espécie de reserva, naquele sentido que a professora Amparo falou: o loteamento é aprovado e os investidores ficam esperando valorizar mais. Na retomada atual, os primeiros empreendedores, então, tinham essa autorização para fazer o loteamento e a ocupação daquela época. Só que eles fizeram uma requalificação. Usaram a expressão requalificação junto com revitalização. E fizeram uma proposta para a Prefeitura, que foi aceita, de uma outra forma de ocupação. A ocupação dos anos 80 era uma ocupação de lotes unifamiliares, ocupação de um lote, uma casa. O resultado de toda esse arranjo foi de permitir a implantação de edifícios, das torres que já existem lá.

Temos a informação que há uma obra embargada ali. O motivo é por estar em área de preservação do Ribeirão João Leite?

Celene Barreira – As que estão mais próximas do Corpo de Bombeiros estão, sim, em área de proteção ambiental, prevista no plano de lei como área de preservação permanente do Ribeirão João Leite e do Rio Meia Ponte. O que nós sabemos é que, a partir deste trabalho e do próprio Ministério Público, a obra está embargada, mas nesse trecho alguns edifícios já estão instalados.

No movimento de expansão imobiliária, essa situação de ocupação de áreas que não deveriam ser ocupadas e de não respeito aos planos diretores é uma questão histórica em Goiânia?

Vidal Barbosa – Eu diria que essa é uma tradição em Goiânia. Nos anos de 67, 68 e 69, foram construídas as primeiras vilas, inclusive com recurso público do BNH, bem afastadas do centro da cidade. São exemplos, a Vila Redenção, na região sul, a Vila União, na região sudoeste, a Vila Luci. E, com isso, foi sendo criado um cinturão para facilitar, por exemplo, a especulação imobiliária. Em seguida, fizeram um segundo cinturão, nesse mesmo sentido, com a construção do Vera Cruz, já na região metropolitana, o do Cruzeiro do Sul, esse próximo à Aparecida de Goiânia. Aí veio o Riviera, o Aruanã e o Conjunto Itatiaia, de modo que para qualquer lado que você fosse na cidade, passaria por uma via importante, com um enorme vazio urbano. Qual é o sentido disso? No terceiro cinturão, fizeram a Vila Mutirão, o Curitiba, o São Domingos, o Primavera. Continuaram estendendo, agora estão fazendo o quarto cinturão em torno de Goiânia, que é o Cerrado e, por ironia, parece que colocaram um nome bem apropriado, porque lá é no meio do Cerrado mesmo, longe... construído com dinheiro público a fundo perdido, um grande achado para o mercado imobiliário. Temos também o Orlando de Moraes, na região Norte, outro bairro novo desse cinturão. A lógica é a seguinte: a gente que é pobre consome, valoriza e aí, os que têm uma condição melhor vão comprando e ocupando a imensa área vazia criada com a criação de bairros distantes.

Como resolver o problema da falta de moradia no cenário existente hoje?

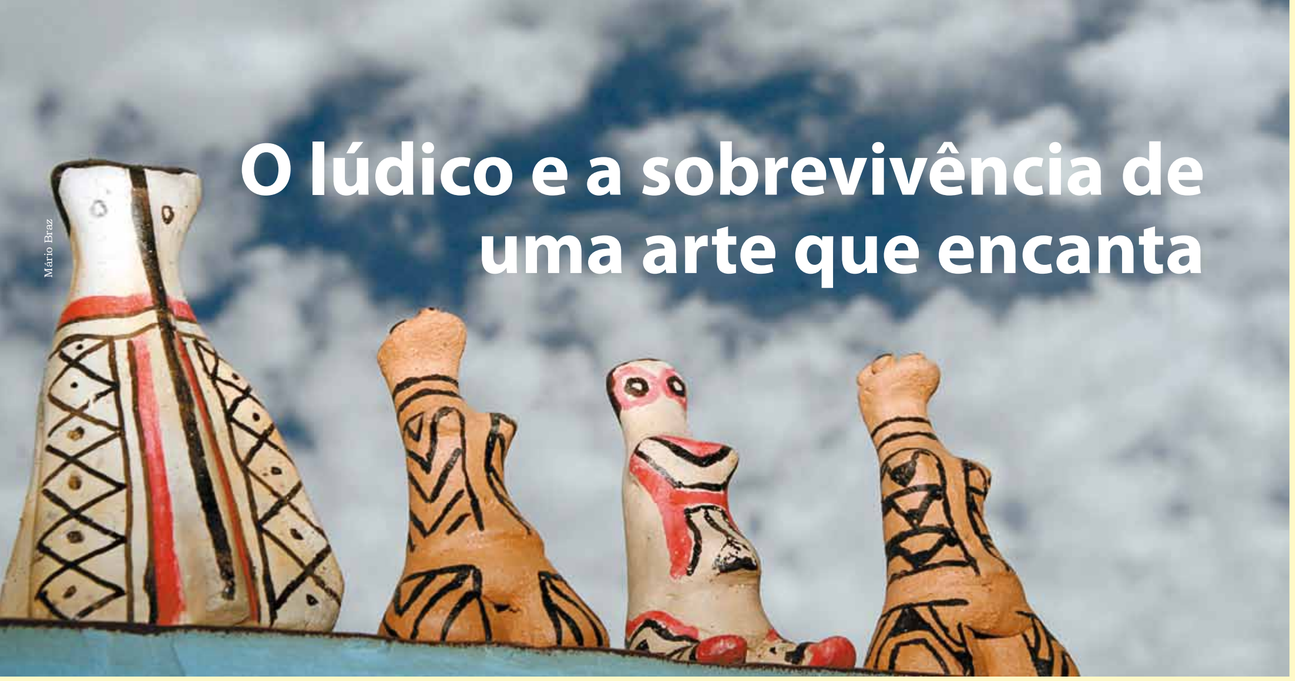
Maria do Amparo – Realmente esse é um problema muito difícil de ser resolvido porque ele é de base política, fundamentalmente de base política. E o que a gente percebe é uma enorme promiscuidade entre o público e o privado, chegando a um ponto de nem se conseguir a distinção de um e outro, e isso só leva desvantagem àquelas pessoas que têm uma renda mais baixa. Esse é um problema sério e que não se vê como será resolvido.

Celene Barreira – A gente já identificou que existe o problema de acesso a moradia e uma série de questões que permeiam todo esse processo relacional entre expansão e especulação, em especial a queda de qualidade de vida. Mas quero chamar a atenção para a situação do estado de Goiás, que é hoje o estado brasileiro que mais recebe imigrantes, apesar de os dados do censo de 2010 ainda não estarem concluídos, se ele não for o maior, é um dos que mais recebe imigrantes no Brasil. Atualmente, essa população está se dirigindo para a cidade. Esse é um dado real, 90% da população de Goiás vive nas cidades; 40% desse contingente está em Goiânia e no entorno de Goiânia. Trata-se de um problema histórico, um desafio para os governantes de Goiás, seja do estado ou dos municípios e a previsão é de que esse quadro de imigração se intensifique, essencialmente a imigração urbana. É preciso que se tenha elementos pra subsidiar as políticas públicas e que elas sejam efetivamente implementadas.

Vidal Barbosa – Eu quero deixar um recado para a sociedade e principalmente para governos e para a academia. O plano diretor de Goiânia está sendo revisado. É muito importante que a gente participe dessa revisão. Estive na Câmara Municipal e perguntei qual era a necessidade de se realizar um plano diretor de dois ou três anos... Eu tenho certeza de que essa revisão será para pior. Então, vamos acompanhar mais a revisão do Plano Diretor, participar das audiências públicas que estão sendo chamadas, vamos lá conhecer o que que está sendo colocado, principalmente os técnicos, as academias que têm um papel importante na sociedade de ajudar na elaboração desses instrumentos técnicos.

Veja outros trechos desta entrevista em: www.jornalufgonline.ufg.br

O lúdico e a sobrevivência de uma arte que encanta



Mário Braz

Consideradas uma expressão artística e cosmológica de referência cultural para os índios Karajá, as bonecas ritxoko foram reconhecidas com o título de Patrimônio Cultural Brasileiro, registrado como bem cultural de natureza imaterial, concedido pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Michele Martins

Na aldeia *Hawaló Mahãdu* uma índia Inỹ, do grupo Karajá, sova um punhado de massa composta por suú (barro), água e cinzas, preparadas dias antes com a queima da árvore *adená mawsidé*, chamada de cega-machado pelos brancos. Ela é acompanhada de perto por algumas crianças que brincam e a observam. Com essa massa a mulher Karajá fará as *ritxoko*, as bonecas em formas humanas e animais que divertem as crianças da aldeia e também que serão vendidas aos turistas que acampam nas praias do rio Araguaia, ou o *Berohoky*, o grande rio, na época da seca. A receita para a mistura ela nem se lembra mais quando aprendeu. Acessando suas memórias mais remotas, ela lembra que foi sua mãe quem lhe ensinou o ofício. O esforço para preparar a massa é compensado pela distração que a envolve, quando começa a contar às crianças a história da mulher que saía da aldeia e se dirigia às margens do rio para chamar o namorado. "Jacaré, Jacaré, uuuú", dizia ela, e logo o animal sedutor saía do rio e se aconchegava nos braços da índia, para indignação dos homens da tribo. Atraída pela história, de repente, uma das indiazinhas pega um pouco da massa e tenta moldar uma *ritxoko* com a forma de homem. Quando a índia orienta: "Começar pela cabeça é difícil. Se começar a fazer pelas perninhas fica mais fácil. Mas a massa ainda não está pronta".

A cena descrita acima mostra uma das etapas do processo de produção das bonecas de cerâmica *ritxoko* produzidas pelas mulheres Karajá. Ao longo das gerações as peças de uma variedade quase infinita de formas, que vão desde figuras humanas em diferentes ciclos da vida, até cenas complexas da vida social, como as práticas rituais e as histórias que remetem à cosmologia do povo Inỹ (autodenominação dos Karajá), assim como a fauna regional, todas decoradas com grande diversidade de grafismos, foram se firmando como uma expressiva referência cultural. De acordo com a diretora do Museu Antropológico da UFG, professora Nei Clara de Lima, uma pesquisa sistemática, conduzida por ela e pelos professores da Faculdade de Ciências Sociais da UFG Manuel Ferreira Lima Filho, Rosani Moreira Leitão e Telma Camargo da Silva, bem como diversos estudantes, revelou os modos de fazer e os saberes associados às bonecas. A pesquisa estendeu-se por três anos e a equipe de pesquisadores percorreu seis das 23 aldeias Karajá, localizadas ao longo do Rio Araguaia nos estados de Goiás e Tocantins. Os trabalhos investigativos, caracterizados pelo método etnográfico, subsidiaram a solicitação de reconhecimento feita pelos Karajá ao Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). A concessão do título de Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, oficializou-se no dia 25 de janeiro de 2012.

De acordo com Maíra Torres Corrêa, historiadora do Iphan em Goiás, o primeiro passo após a concessão do título é promover reuniões com representantes das aldeias e membros de instituições interessadas para que um comitê gestor elabore um plano de salvaguarda (instrumento de apoio e de fomento ao bem titulado), que deve estar pronto até um ano após a concessão do título. A historiadora esclareceu que existe grande articulação entre o Iphan e outras instituições governamentais e de pesquisa com o intuito de avaliar, elaborar e implementar políticas públicas de atendimento às diversas necessidades dos Karajá a fim de que o ofício e os modos de fazer das bonecas não sejam comprometidos por quaisquer fatores. "Toda essa articulação é promovida pelo interesse na preservação da comunidade, assim como de sua cultura e visão de mundo, e, por causa da dinâmica cultural, uma reavaliação da importância do título será feita após dez anos da concessão", acrescentou Maíra Torres.

Michele Resende

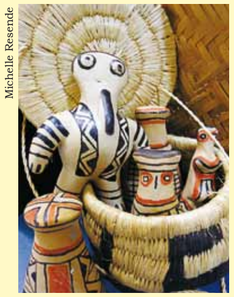
Representação de uma mulher Karajá

Cada uma das ceramistas imprime uma particularidade no objeto que produz

Telma Camargo da Silva / Acervo Iphan-Go

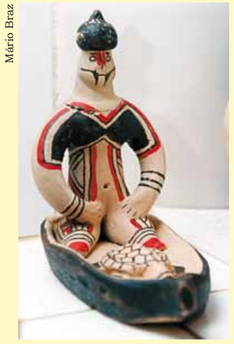
Mário Braz

Michelle Resende



A boneca de muitas cabeças e as figuras zoomorfas são associadas aos relatos mitológicos

Mário Braz



As diferentes pinturas corporais e a posição do corpo identificam os ciclos de vida e o gênero, como esta representação de um homem com o resultado de sua pesca

A técnica do ofício

Nei Clara de Lima explicou que, os Karajá são reconhecidos pela produção em larga escala da cerâmica figurativa. Com uma população aproximada de três mil índios vivendo ao longo do Rio Araguaia e seus afluentes, a presença das mulheres ceramistas está mais concentrada em algumas aldeias. A aldeia de Santa Isabel do Morro, na Ilha do Bananal, no Tocantins, é considerada o centro de referência desse ofício. A preparação da cerâmica requer várias etapas, que têm início com a compra ou a coleta de argila das margens do Rio Araguaia. Depois de seca, é socada em pilão e peneirada. As próprias ceramistas também buscam ao redor das aldeias troncos e galhos da árvore cega-machado para produzir as cinzas que darão liga à massa. Na sequência, processam-se a modelagem, a secagem, a raspagem, o polimento, a queima das peças e, por último, a pintura com pigmentos vermelhos, feitos do urucum, e pretos, obtidos por meio da mistura de fuligem do carvão com extratos da planta xarurinã ou do jenipapo.

Os estudos identificaram duas fases que diferenciam os modos de fazer as bonecas. A fase antiga até os anos de 1940, quando as bonecas não eram queimadas, e a fase moderna, quando o procedimento de queima passou a ser adotado para aumentar a resistência das peças, permitindo a elaboração de figuras com maior riqueza de detalhes. Outra característica marcante das bonecas mais antigas é que elas possuíam pernas bem curtinhas e não tinham braços. As ceramistas mais antigas dizem que as bonecas de hoje são mais difíceis de fazer porque possuem braços e pernas mais longas. Mas uma característica continua a mesma: as ceramistas sempre buscam reviver as histórias do mundo simbólico de seu povo enquanto manipulam a cerâmica, como descreveu Wrearu Karajá, considerada uma ceramista muito habilidosa. "Consigo fazer de 5 a 20 bonecas em um dia. Comecei a fazer a boneca e pensei nas histórias das mulheres apaixonadas pelo jacaré que as seduzia. As mulheres ficaram revoltadas com os maridos, porque eles caçaram o animal, que foi servido durante a festa de Aruanã. Vejam só, diziam os homens, vocês estão comendo a carne do seu macho. Então todas as mulheres passaram mal ao saber disso", sorriu a ceramista.

Reconhecimento

Embora as bonecas tenham se originado de tecnologias de modelagem muito antigas, as aldeias pesquisadas mostraram singularidades nos modos de fazer, em decorrência, principalmente de mudanças nos contextos socioculturais e ambientais ao longo do vale do Rio Araguaia. Rosani Moreira Leitão declarou que as mulheres Karajá são excelentes ceramistas e que atualmente as bonecas representam a maior parte da produção cerâmica, que é destinada sobretudo à venda, o que contribui significativamente para o aumento da renda das famílias. Para a diretora do Museu Antropológico, esse reconhecimento da mulher indígena ceramista é também um avanço e agrega mais valor às peças. Uma consequência justa. Segundo a índia Rute, "muitas pessoas reclamam do preço, quando vão comprar. Elas não sabem a dificuldade que é buscar o barro pesado, a lenha, produzir cinza, colocar força para amassar e depois querem pagar baratinho pelas bonecas já prontas", declarou.

Nei Clara de Lima reforçou que a concessão do título de Patrimônio Cultural Brasileiro para as bonecas, além de desempenhar um papel de grande significado na vida do povo Karajá, pela valorização de uma de suas manifestações artísticas mais significativas, implica o reconhecimento da multiplicidade cultural brasileira, derivada também da atuação de tantos grupos indígenas, que até hoje são vistos, em muitas situações, como portadores de uma inferioridade cultural diante da população branca, considerada detentora de civilização.

Michele Martins

Em Goiânia, as bonecas podem ser vistas em exposição no Museu Antropológico da UFG, na Praça Universitária, e no Museu Zoroastro Artiaga, na Praça Cívica. Projetos de exposições internacinais estão em elaboração por meio de parcerias com professores do curso de Museologia da UFG

Recursos pedagógicos

A professora Rosani Moreira Leitão acrescentou que, além de ser uma forma de expressão artística, as *ritxoko*, também constituem importantes instrumentos pedagógicos, um caráter lúdico, educativo e socializador. "Posso citar, por exemplo, o caso dos conjuntos de bonecas que representam a família. Acondicionados em cestinhas são presenteados às meninas, por volta dos seus seis anos de idade, pelas tias e avós. Ao receberem as suas cestas com bonecas e ao brincarem com elas, as meninas, e, por extensão, as demais crianças pequenas da família, adquirem e consolidam conhecimentos importantes sobre o universo sociocultural do seu povo, tais como: padrão de família, ciclo da vida e classes de idade, papéis sociais que são desempenhados pelos membros da família extensa, entre outros", explicou a professora. Com saudosismo, Rute Karajá descreveu também a sua infância: "A gente brincava de caçar e de pescar com as *ritxoko*. Minha mãe preparava uma *ueriri* (tipo de cesta confeccionada com fibras de palmeira) para carregarmos os brinquedos e uma esteira para todas as crianças brincarem juntas. Também colocávamos roupinhas nas bonecas e cabelos", lembrou. "Até hoje brincamos também, quando estamos fazendo as peças", declarou também Wrearu Karajá.

As figuras do mundo mítico dos Karajá também são frequentemente esculpidas, como mostrou Michelle Nogueira Resende, graduada em Ciências Sociais, que atuou no projeto como estagiária durante seu trabalho de conclusão de curso no qual investigou as representações do sobrenatural na cerâmica Karajá. Nei Clara de Lima informou que muitas bonecas remetem à mitologia e à cosmologia Karajá. Assim elas podem ser consideradas instrumentos pelos quais os adultos contam os mitos de origem e outras referências cosmológicas Karajá para as crianças. "A cosmologia desse grupo é muito sofisticada e as bonecas contam sobre isso. Segundo o mito, os Inỹ viviam todos sob o Rio Araguaia. Um grupo saiu de dentro do rio, vindo para a superfície e se espalhou pelo vale do rio, enquanto Kboi e seus parentes continuam vivendo submersos até hoje", informou. Rosani Leitão completa: "Por meio da arte de modelar, o povo Inỹ se autorreconhece. Nesses objetos, legitimam e recriam constantemente sua identidade, tendo como base as referências da tradição cultural Karajá".

Entenda o que é salvaguarda cultural

Salvaguardar um bem cultural de natureza imaterial é apoiar sua continuidade de modo sustentável. É atuar para obter a melhoria das condições sociais e materiais de transmissão e reprodução que possibilitam sua existência.

O conhecimento gerado durante os processos de inventário e registro é o que permite identificar de modo bastante preciso as formas mais adequadas de salvaguarda, desde a ajuda financeira a detentores de saberes específicos para sua transmissão, até a organização comunitária ou a facilitação de acesso a matérias primas.

Fonte: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)

A íntima relação mantida pelos Karajá com o Rio Araguaia é constantemente retratada por meio da modelagem das cerâmicas

Mário Braz

Jornal UFG comemora sua 50ª edição

Já em seu sexto ano de publicação, o jornal da UFG estabelece-se como uma publicação de conteúdo em linguagem acessível a diversos públicos

Marina Celestino

"Os sistemas de comunicação não conseguiram, nem conseguirão, homogeneizar aquilo que, por essência, é diversificado, heterogêneo, eclético e contraditório. Exatamente por isso, é preciso que os processos de comunicação ocorram de forma plural, democrática, reconhecendo as diferenças, respeitando as diversidades, cultivando espaços de debate, valorizando a polifonia de vozes, cores e talentos". Com essas palavras, o reitor Edward Madureira Brasil iniciava o editorial da primeira edição oficial do **Jornal UFG**, publicada em junho de 2006.

Fotos: Carlos Siqueira

Reitor Edward Madureira, jornalista Silvânia Lima e os professores Silvana Coleta e Magno Medeiros, no lançamento do Jornal UFG em 2006

Ao longo de quase seis anos e 50 edições, o **Jornal UFG** consolidou-se como um impresso respeitado em sua área de cobertura, sendo classificado em 2007 como uma das três melhores publicações produzidas por Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) no país, de acordo com o Prêmio Destaque Andifes de Jornalismo. Em sua trajetória, a publicação fez-se um instrumento afirmativo, que promove o diálogo da UFG com seus públicos, em âmbito interno e externo, ao divulgar a sua produção científica e cultural.

Muito além de uma simples plataforma de divulgação da universidade, o jornal é um instrumento para a socialização do conhecimento, dando retorno à sociedade da produção da UFG como uma instituição pública de ensino, pesquisa, extensão e cultura. Por meio dele, a comunidade acadêmica e toda a sociedade têm a oportunidade de conhecer a produção, o funcionamento e as realizações da universidade, especialmente o trabalho das diversas equipes espalhadas nas unidades, setores e órgãos da instituição, não abordados em sua totalidade na imprensa convencional.

Histórico e criação – Criado em 2006 pela Assessoria de Comunicação (Ascom), o **Jornal UFG** surgiu da proposta de suprir a necessidade de ter uma publicação periódica impressa que pudesse promover a visibilidade e a transparência dos fatos que concernem à instituição. De acordo com o professor Magno Medeiros, coordenador de imprensa e editor-chefe do jornal de 2006 a 2008, até aquele momento, a UFG dispunha apenas de algumas publicações esporádicas e terceirizadas. "Percebemos a necessidade de um jornal próprio, elaborado por profissionais da instituição, com participação de professores e estudantes. A ideia era criar um periódico que pudesse apresentar à comunidade acadêmica e à sociedade em geral o que existe de relevante nas áreas do ensino, da pesquisa, da extensão, da cultura e da gestão", esclareceu ele.

Hoje diretor da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb), Magno Medeiros afirma que a equipe da Ascom enfrentou dificuldades para concretizar o projeto do jornal. "No início, não havia dotação orçamentária específica e a equipe que trabalhava na Ascom era bem reduzida", lembrou ele. "Convidei a professora Silvana Coleta, hoje coordenadora de Imprensa da Ascom e editora-geral, para a editoria da publicação e juntamente com a pequena equipe existente no momento, elaboramos o projeto do jornal". Era um imenso desafio manter o **Jornal UFG** como uma publicação periódica, uma característica fundamental do jornalismo. O jornal é mensal, com circulação de março a dezembro, impresso em papel jornal, formato tabloide germânico, contando com 16 páginas, das quais quatro coloridas.

Desde o início, o projeto teve total apoio da Reitoria. Servidores técnico-administrativos de outras áreas foram designados para a Ascom, para funções como editoração eletrônica, edição, revisão e áreas afins. Além dos profissionais do quadro permanente da UFG, foi composta uma equipe de bolsistas e estagiários. "Inicialmente eram apenas dois bolsistas trabalhando na produção de conteúdo para a publicação. Hoje são oito, somando-se estagiários e bolsistas, que atuam nas áreas de imprensa, design gráfico e fotografia", afirmou o professor Magno Medeiros.

Oficina jornalística – Além de um meio de comunicação que objetiva difundir a produção científica, tecnológica, artística e cultural da UFG, dando maior visibilidade à instituição, o **Jornal UFG** representa também um espaço de estágio de alunos de Jornalismo, Design Gráfico e Artes Visuais, que contribui para a formação acadêmica e profissional. Trabalhando na redação, seja como bolsista ou como estagiário, eles têm a oportunidade de vivenciar a rotina de produção de uma publicação periódica. Além da elaboração de reportagens acerca da produção acadêmica, ampliam seu aprendizado também nas áreas de fotografia, editoração e ilustração. Essa experiência alarga seus conhecimentos sobre diversos assuntos, bem como sua compreensão do papel da universidade na sociedade.

Estagiário da área de imprensa na Ascom entre 2006 e 2007, o repórter do jornal *O Popular,* Alfredo Mergulhão, conta que o estágio no **Jornal UFG,** agregado ao curso, tornou-o mais preparado para o mercado de trabalho. "A convivência com professores, poder produzir reportagens e discutir pautas com profissionais foram grandes diferenciais", afirmou ele.

Desafios e futuro – A tiragem do **Jornal UFG** é de 11.500 exemplares mensais. Internamente, a distribuição é feita em todas as unidades, setores e órgãos da instituição. Externamente, o jornal é enviado aos servidores aposentados e a autoridades, além de ser distribuído em locais como o Aeroporto de Goiânia, rodoviárias, hospitais, secretarias de governo, entidades e outros. São ainda destinados à Secretaria Estadual de Educação 1.500 exemplares, que os envia para suas subcretarias e unidades de ensino.

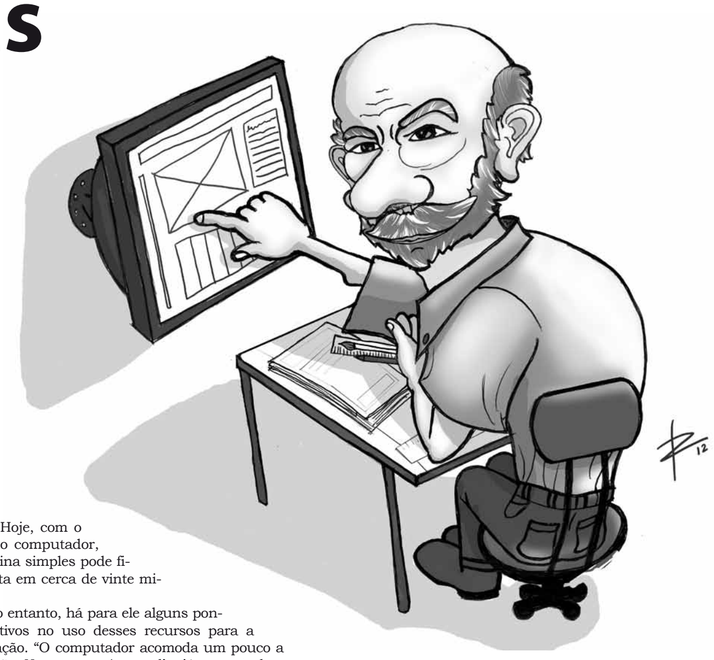
Como idealizador do jornal, Magno Medeiros acredita ser importante manter a linha editorial voltada para edições temáticas. "Edições temáticas são interessantes, pois permitem aprofundar um tema por meio de vários olhares. As várias áreas acabam se integrando de maneira interdisciplinar em torno de um mesmo assunto", ressaltou ele. Entretanto, ele afirma que o periódico pode melhorar, com uma distribuição que alcance os bairros circunvizinhos do câmpus, bem como escolas públicas (principalmente de ensino médio), somada a um maior alcance de distribuição e de coberturas nos câmpus da UFG, em Jataí, Catalão e Goiás.

A editora-geral, Silvana Coleta, informa que estão prestes a ser divulgados os dados de uma pesquisa sobre os produtos e serviços da Ascom feita com a comunidade acadêmica. "Nossa ideia agora é usar os dados da pesquisa para obter elementos mais palpáveis sobre as diretrizes futuras do jornal", afirmou a professora. Todavia, ela acredita que o resultado da pesquisa apontará o **Jornal UFG** como um produto consolidado, com a perspectiva de permanecer nos próximos reitorados. "Cada gestão tem uma forma de ver as coisas, mas entendemos que a tendência é que a Ascom prossiga da forma como tem trabalhado, mantendo-se sempre atenta às novidades e à modernização de conteúdo", esclareceu.

Nas edições mensais busca-se a realização de reportagens que deêm destaque aos feitos da UFG, além de eventuais cadernos especiais

O profissional por trás das páginas

Cleomar Nogueira é um dos profissionais responsáveis pela arte que envolve a finalização do **Jornal UFG** – este que o leitor tem em mãos inclusive. O diagramador comemora 34 anos de dedicação à universidade e compartilha recordações de momentos vividos na UFG



Jaqueline Telis e Marcela Borges

"Iniciei minha 'vida de jornal' na portaria da *Folha de Goyaz*, em março de 1972. Quando trabalhava lá, não tirava o olho das atividades realizadas no jornal". Foi assim que Cleomar Nogueira começou sua trajetória: observando, da portaria, os bastidores da produção de um jornal diário. No entanto, ele tinha outros planos e seu interesse e dedicação terminaram por levá-lo para dentro do processo de produção do jornal diário.

Assim que surgiu uma vaga na "tituleira" (máquina usada para compor os títulos), Cleomar candidatou-se e, desde então, não deixou mais nenhuma oportunidade passar. Depois de trabalhar em diversas áreas do processo de criação e arte do jornal, o jovem aprendiz dominou as técnicas de diagramação da época, baseadas na utilização de réguas, tipos (conjunto de letras, com variação de forma e tamanho) e máquinas que faziam a composição do texto.

Diferentemente do que se vê hoje, em que o designer gráfico dispõe de programas digitais para criar as páginas de jornais e revistas, naquela época o trabalho era essencialmente artesanal. Cada página desenvolvida era um exercício em que se aplicavam paciência, habilidade manual e cálculo, com alta dose de perfeccionismo.

O início – Na UFG, a carreira de Cleomar Nogueira iniciou-se em 1978, no departamento de contabilidade. Foi no reitorado da professora Maria do Rosário Cassimiro (1982–1985) que ele assumiu o rumo do jornal impresso na universidade. O jornalista Ivo Pinto de Melo, encarregado de montar uma equipe para a produção do jornal "Grupiara" da então Assessoria de Comunicação Social (Ascom), surpreendeu-o com o convite para auxiliar na escolha da equipe e ser responsável pelo setor de arte do novo órgão da instituição.

Durante o reitorado de Joel Pimentel de Ulhôa (1986-1989), o professor Juarez Maia, da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb), assumiu a Assessoria. Nesse período, surgiu o *Jornal da Universidade* (JU), publicação mensal que, de acordo com Cleomar Nogueira, "deu muita vida à Assessoria de Comunicação Social". Dessa fase ele relembra, em particular, a cobertura de uma das reuniões do Conselho dos Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB), que reuniu no Maranhão reitores de todo o país. Apesar das dificuldades, aquele foi um momento marcante na história da comunicação da UFG e da própria equipe da Assessoria de Comunicação Social. "Dispúnhamos de poucos recursos naquela época. Então, trabalhávamos muito para fazer o boletim diário do evento", destacou. No fim do reitorado de Joel Ulhôa, Cleomar ainda passou pelo Centro Editoral e Gráfico da UFG (Cegraf), sendo o responsável por estruturar a divisão técnica do órgão, quando este foi criado, com a junção da Editora da UFG e da Imprensa Universitária, que foi transferida da Praça Universitária para o Câmpus Samambaia.

Novas tecnologias na diagramação – As novas tecnologias trouxeram facilidades para o setor de diagramação, uma vez que os *softwares* agilizaram o tempo de construção das páginas para impressão. Cleomar Nogueira contou que antes se levava cerca de cinco horas para diagramar de oito a dez páginas de um jornal diário comercial. Hoje, com o auxílio do computador, uma página simples pode ficar pronta em cerca de vinte minutos.

No entanto, há para ele alguns pontos negativos no uso desses recursos para a diagramação. "O computador acomoda um pouco a imaginação. No processo 'manual' criávamos tudo, procurávamos pensar como seria a publicação – a escolha dos tipos adequados, de outros recuros visuais, se seria colorida, e nesse caso quais as cores seriam usadas. Hoje o computador agiliza tudo sem muito esforço. O resultado que antes tínhamos de imaginar, agora, com alguns comandos, ele já nos dá", explicou.

Desafio da mudança – Em 1991, depois de um tempo na Assessoria, o designer foi trabalhar em Palmas, no Diário Oficial do governo do estado do Tocantins. Foi nessa época que Cleomar se deparou pela primeira vez com um programa digital de diagramação, o *Pagemaker*. Anos de experiência não serviram muito naquele momento, pois o computador requeria outras habilidades. Mas nada que o impedisse de readaptar-se aos novos padrões de diagramação.

Cleomar Nogueira revelou que, nessa transição, muitos colegas desistiram. Porém, "desistência" nunca fez parte da vida deste designer. Sua perseverança foi importante, já que mais tarde ele teria de aprender a utilizar outros novos programas, que não param de surgir.

Depois de quatro anos, Cleomar voltou a Goiânia, justamente quando a UFG começava a se adaptar aos novos recursos tecnológicos. "Quando cheguei aqui, fiz um curso de introdução à informática, porque, até então, éramos como papagaios, apenas repetíamos o que nos falavam", contou.

Mas o aprendizado não parou aí: "Sempre buscava informação com os colegas de trabalho. Com muito interesse mesmo, correndo atrás". Aliás, curiosidade e interesse são os segredos de Cleomar Nogueira para manter-se atualizado, em tantos anos de trabalho. Sua colega de equipe há anos, a jornalista Silvânia de Cássia Lima, editora do **Jornal UFG,** destacou essa característica de eterno aprendiz de Cleomar. "A vida toda ele se mantém uma pessoa aberta a aprender, a conhecer o 'novo' e a se adaptar. Sempre interessado e disposto, esse é um diferencial que ele possui. Sabe acompanhar as inovações, ao passo que muitos, não". Seu colega Reuben Lago, jovem designer, concorda: "Trocamos muitas informações sobre os programas, as novidades e referências visuais interessantes que encontramos".

Ao voltar à Assessoria, o designer gráfico, paralelamente, começou a colaborar na Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb), ensinando a arte da diagramação e auxiliando os estudantes na produção de um jornal laboratório. No fim do reitorado de Ary Monteiro do Espírito Santo (1994-1997), ele passou a trabalhar no Museu Antropológico (MA), diagramando a *Revista do Museu*, folhetos e outros produtos de divulgação. E só alguns anos depois, com a criação do **Jornal UFG** e a reestruturação da Assessoria de Comunicação, foi que ele voltou definitivamente para o órgão.

Durante todo esse percurso, não importa o setor em que Cleomar trabalhe, ele "dá uma mãozinha" nas outras áreas. "Sempre tive a filosofia de que, quando se trata de um serviço da universidade, eu me sinto na obrigação de fazê-lo, porque eu sou servidor da instituição e não de um setor", explicou.

Registro – Depois desse tempo na UFG, ele conhece muito da trajetória da instituição. Cleomar comenta que, em alguns períodos, a universidade não contou com um jornal institucional que conseguisse registrar a sua história. A falta de uma publicação com essas características deixa lacunas na instituição, que só podem ser preenchidas com os relatos de pessoas que viveram tais momentos. Ele destaca o que reconhece ser a função primeira de um jornal institucional: o registro histórico. "A universidade passaria no escuro, se não tivesse esse veículo. O jornal preenche parte da demanda por registros históricos da UFG", completou.

Muito da história de vida de Cleomar Nogueira segue uma trajetória paralela à própria universidade. Isso é tão notório que ele recorda os acontecimentos demarcando o tempo em reitorados. Quando indagado sobre seu ofício, o designer abre o sorriso e afirma que sente imenso prazer. Para ele, diagramar não é uma rotina. Admite que existam chavões, mas nenhuma página é igual à outra.

Ativistas tentam reformular espaços de crítica em Porto Alegre

Fórum Social Mundial, denominado Temático em 2012, serviu como uma preparação para a Conferência Rio +20 e concentrou esforços nos debates sobre crise. Nos bastidores, o clima foi marcado por iniciativas de reconceituar a atuação das esquerdas no mundo e pela franca oposição à própria estrutura do evento. Em parceria com a Rádio Universitária, o **Jornal UFG** acompanhou a reunião, realizada em janeiro, na capital gaúcha

Patrícia da Veiga

A crise generalizada que tem se manifestado no mundo por meio de recessão econômica, desigualdade social, falência da democracia, desemprego, revoltas populares e catástrofes ambientais motivou a última edição do Fórum Social Mundial. O evento, realizado na Região Metropolitana de Porto Alegre entre 24 e 29 de janeiro, apresentou o tema "crise capitalista, justiça social e ambiental" como forma de promover reflexões sobre a viabilidade de um novo modelo de sociedade – ou "um outro mundo possível".

Uma efeméride tangenciou boa parte das atividades do Fórum de 2012: a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável Rio +20. A reunião da ONU, que será realizada no Rio de Janeiro, em junho, como uma terceira versão da ECO 92, foi motivo para que o costumeiro espaço de ativistas do planeta fosse denominado Fórum Social Temático (FST) e considerado, conforme textos do site oficial do evento (www.fstematico2012.org.br), como uma "preparação para a Cúpula dos Povos" – a versão alternativa da Rio +20.

Outra novidade do Fórum foi a mobilização de grupos de trabalho, responsáveis por elaborar documentos que futuramente possam servir como "eixos de ação" para a militância global. Esses grupos articularam-se em torno de 16 subtemas (tais como água, cidades sustentáveis, mineração, agricultura, governança, comunicação e cultura digital) e iniciaram os debates antes mesmo do FST começar, em uma plataforma virtual (www.dialogos2012.org). Integrou essa atividade do Fórum qualquer cidadão que porventura tenha se cadastrado na plataforma. Nos espaços reais dos grupos de trabalho, porém, a predominância foi das organizações não governamentais.

A defesa de uma "cultura do bem comum" norteou o grupo intitulado *Commons*, acompanhado por nossa reportagem. Nele, os ativistas buscaram definir um "novo" conceito para as lutas no Fórum, algo que estivesse distante dos modelos tanto capitalista quanto socialista de sociedade. A ideia foi reproduzida, também, durante a plenária "Democracia Real, Já", que reuniu o veterano Leonardo Boff e a jovem liderança de movimentos como Primavera Árabe, *Occupy Wall Street* e Indignados de Espanha. Na ocasião, o professor Boff defendeu essa tentativa de reconceituar a luta política: "Os reclames deixaram para trás os discursos das esquerdas, baseando-se atualmente em valores mínimos como liberdade, direitos humanos, participação, trabalho, dignidade e respeito".

Ivan Trindade – FST 2012

Na abertura das atividades do FST 2012 manifestantes clamam por justiça social e ambiental, pauta do evento

Diversidade e oposição – Conhecido como um espaço de dispersão, pluralidade e divergência, o Fórum não chegou a descartar as ideias socialistas como forma de contraposição ao sistema vigente. O grupo Crítica Radical, do Ceará, por exemplo, assumiu a tarefa de questionar sem meios termos a "sociedade fetichista de mercadorias", durante o debate "Que crise é essa?", realizado na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Para o grupo, não é o caso de esquecer completamente a luta de classes, mas, sim, de reconceituá-la. Assim, o problema da crise histórica não seria o confronto direto entre detentores dos meios de produção e trabalhadores, mas a preponderância do capital e do valor das mercadorias (materiais e imateriais) sobre a vida humana. "Por causa disso, entrou na ordem do dia a transcendência ao sistema produtor de mercadorias", explicou um texto apresentado pelo grupo.

Se o assunto é a crítica, nem o Fórum escapou. O movimento Ocupa PoA, que acampou em uma praça do centro de Porto Alegre, apresentou-se como "uma alternativa ao FST", alegando que as questões da sociedade a serem debatidas estariam, de fato, nas ruas. Participantes cujas convicções à esquerda são mais consolidadas também se manifestaram contrariados no evento paralelo Conexões Globais, realizado na Casa de Cultura Mário Quintana, que organizou plenárias sobre cultura e governança digital, convidando para fazer uso da palavra, entre outros atores sociais, representantes do *status quo*, tais como o governador do Rio Grande do Sul, Tarso Genro (PT), e especialistas do Banco Mundial.

Em meio a polêmicas que sempre dividiram as entidades participantes do Fórum, a Assembleia dos Movimentos Sociais, realizada no penúltimo dia do FST, buscou abarcar diversas inquietações. Para tanto, divulgou uma agenda de luta comum a mais de 30 organizações da sociedade civil, posicionando-se "contra o capitalismo, o patriarcado, o racismo e todo tipo de discriminação e exploração".

Cerca de mil pessoas acompanharam a Assembleia. No entanto, elas não representavam todas as organizações presentes no Fórum. Ainda que o evento, em sua carta de princípios publicada em 2001, negue vínculos partidários, comandaram essa reunião entidades brasileiras ligadas à base governista, tais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a União Nacional dos Estudantes (UNE). A Marcha Mundial de Mulheres, a Alternativa Bolivariana para a América Latina (ALBA), diversas representações indígenas do continente americano, lideranças da comunidade palestina, além de organizações não governamentais, como *Green Peace* e ATTAC, também assinaram a lista de presença.

André Luiz Ribeiro, estudante do 3° período do curso de Direito da UFG, foi ao Fórum pela primeira vez, integrando a caravana organizada pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE). Segundo ele, a experiência foi "singular". Mas, em razão da diversidade de grupos políticos que nem sempre dialogam, seu retorno a Goiânia foi acompanhado de pessimismo. "O Fórum, em sua configuração atual, está fadado a não cumprir a sua finalidade última. O 'outro mundo', por hora, tende a ser tão-somente o meramente 'possível'", relatou.

Conforme a organização do FST, cerca de 40 mil pessoas acompanharam seis dias de programação. O balanço oficial do Fórum destacou que, entre os dez mil de fato inscritos, 56% foram mulheres e 38% foram jovens com menos de 29 anos. "Houve representantes de 38 países dos cinco continentes, incluindo participantes de locais como o Nepal, Burquina Faso e Guiné Bissau", indicou o texto de avaliação do Fórum, divulgado no dia 30 de janeiro. Em 2014, o Fórum Social Temático voltará a se realizar em Porto Alegre. Entre 17 e 23 de junho de 2012, os militantes ocuparão o Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro, para construir a "Cúpula dos Povos na Rio +20 por Justiça Social e Ambiental".

Cobertura Jornalística

A UFG esteve presente no Fórum Social Temático (FST) 2012 por meio da atuação de seus profissionais de comunicação. A Rádio Universitária **870 AM** realizou transmissão do evento, inserindo boletins e *flashes* ao vivo em sua programação. A Assessoria de Comunicação da UFG foi convidada a contribuir com o trabalho, que se estendeu ainda à cobertura em rede nacional da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), em parceria com a Associação de Rádios Públicas do Brasil (Arpub) e ao **Portal UFG**.

e+ Veja mais, histórico do Fórum, entrevistas, debates sobre economia verde, entre outros temas em: www.jornalufgonline.ufg.br

Câmpus Jataí projeta Parque da Ciência

Parque deve ser instalado na Unidade Riachuelo, no centro da cidade, compondo um ambiente de interação entre comunidade e universidade

Kharen Stecca

O Câmpus Jataí (CAJ) dará início, em março, à implantação do projeto Parque da Ciência. A iniciativa foi proposta como parte da revitalização da Unidade Riachuelo, área da UFG que funciona no centro de Jataí. Com o objetivo de ser um espaço para o aprendizado interativo, de difusão e democratização da ciência e da cultura, o parque será implantado em diversas etapas que incluirão uma tenda para exposições e atividades interativas, museu, relógio solar, planetário, espaços conhecidos como praças da ciência, além de um projeto paisagístico com espécies nativas do Cerrado.

"Além de atender a comunidade universitária em diferentes áreas, será um ambiente de interação mais próxima e efetiva com a sociedade jataiense e dará maior visibilidade à instituição, local e regionalmente", explica o diretor do Câmpus Jataí, professor Wagner Gouvêa dos Santos. O Parque da Ciência será incluído entre as alternativas de lazer, educação e cultura da cidade de Jataí.

Para tanto, serão buscados recursos públicos e privados para a sua completa efetivação. Na primeira etapa de implantação, prevista para o segundo semestre de 2012, serão utilizados recursos de um edital do CNPq em conjunto com as Fundações de Amparo à Pesquisa dos estados, para fomentar espaços científico-culturais. O projeto conta com uma equipe multidisciplinar formada por professores de nove cursos do CAJ/UFG. Segundo o vice-diretor do Câmpus Jataí e coordenador do projeto, Alessandro Martins, nas próximas semanas começa a preparação da área que abrigará o parque, com os serviços de terraplenagem, montagem da base de cimento da Tenda e da Praça da Ciência.

Essa etapa corresponderá à locação da Tenda, onde será montada a primeira exposição de longa duração, com o tema "Caminhos científicos e culturais do homem no Cerrado". De acordo com Alessandro Martins, a exposição apresentará a evolução científica e tecnológica das diferentes áreas da ciência, correlacionando-a com o modo de viver e com as atividades de produção regionais.

Cegef

Maquete do Parque da Ciência mostra como serão futuras instalações, à disposição da comunidade jataiense

Comissão estuda criação de um espaço interativo de ciências em Goiânia

De acordo com a Reitoria, uma comissão multidisciplinar foi formada para elaborar um projeto de construção de um espaço interativo de ciências também em Goiânia. O projeto inicial foi apresentado à comunidade universitária em dezembro de 2011. Na ocasião, a consultora Andréia Dial Vial, que já integrou a comissão de criação do Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, foi convidada para prestar consultoria à UFG. Andréia Vial destacou que, de posse do projeto estrutural, o mais difícil será definir um recorte temático e fechar uma política de acervo. A previsão é que o espaço seja construído dentro do Parque Mutirama e que, além da Prefeitura de Goiânia, outras instituições de ensino e pesquisa entrem como parceiras do projeto.

Novos prédios ampliam estrutura do Câmpus Catalão

Fábio Gaio

Três novos prédios reforçarão o ensino, a pesquisa e a assistência estudantil no Câmpus Catalão (CAC). As obras, orçadas em R$ 9 milhões, estão na etapa de acabamento. De acordo com o prefeito do CAC, José Madson Caldeira de Faria, uma das obras mais aguardadas pelos estudantes, o Restaurante Universitário (RU), já está em fase final e a licitação dos equipamentos está em andamento. José Madson acredita que em abril o RU será entregue. Quando estiver em pleno funcionamento, a unidade terá capacidade de fornecer 800 refeições diárias. O prédio da Coordenação de Pesquisa e Pós-graduação tem previsão de entrega até o final do ano. Já o Edifício de Engenharias, que abrigará os cursos de Engenharia Civil, Engenharia de Produção e Engenharia de Minas, enfrentou algumas dificuldades e atrasos em seu cronograma de execução, mas, segundo explicou o prefeito, a empresa responsável pelos trabalhos comprometeu-se a entregá-lo até o final do primeiro semestre.

Mais obras – O Bloco Multifuncional, outra importante obra do CAC, iniciada em 2010, mas abandonada pela empreiteira, será retomada ainda este semestre. José Madson explicou que, em razão do trâmite burocrático relacionado com o cancelamento do contrato, houve um atraso no cronograma, sendo necessária uma nova licitação, prevista para março. A expectativa é que a obra, orçada em R$ 5 milhões, seja concluída em 2013.

Fábio Gaio

Prédio que abrigará os cursos de Engenharia Civil, de Produção e de Minas, contendo laboratórios, salas de aula e gabinetes de professores

Além dos novos edifícios, alguns espaços foram reformados, a exemplo do Bloco K, em que estão instalados laboratórios dos cursos de Física, Química e Ciências Biológicas. Está prevista também para este ano a reforma do Auditório Professor Paulo de Bastos Perillo.

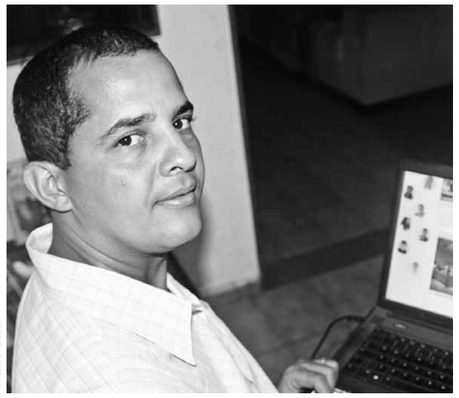
Para José Madson, após a entrega dos novos prédios, será possível fazer a urbanização de todo o câmpus. Uma parceria firmada com a Prefeitura de Catalão vai melhorar a acessibilidade, com adequações que contemplem os portadores de necessidades especiais e a aquisição de veículos adaptados. Quanto à área doada à UFG, em 2010, para instalação de novos cursos e unidades acadêmicas a infraestrutura de acesso a ela, que inclui asfaltamento, iluminação e rede de esgoto, deverá ser entregues em abril. Há a expectativa de que as primeiras edificações a serem construídas no local sejam os prédios de Ciências Biológicas e Administração.

Colações de grau são transmitidas pela internet

Marina Celestino

Em janeiro, a UFG, por intermédio da Fundação Rádio e Televisão Educativa e Cultural (Fundação RTVE), efetuou as primeiras transmissões de suas cerimônias de colação de grau pela *internet*. Ainda em caráter experimental, a transmissão pelo sítio da Fundação RTVE foi semelhante à realizada durante a 63ª Reunião Anual da SBPC, quando foram feitas em torno de 50 transmissões ao vivo, muitas delas simultâneas. Após a captura das imagens por meio de câmeras de vídeo, há o processamento dessas informações por um servidor, que também gera o *streaming*, a transmissão pela *web*.

Há algum tempo a UFG vem se empenhando em tornar as solenidades de colação de grau mais acessíveis a todos os alunos e familiares. No intuito de prover os meios que assegurem esse acesso, a universidade construiu o Centro de Cultura e Eventos, instituiu a prática de por à disposição dos formandos os registros fotográficos feitos pela Assessoria de Comunicação (Ascom) e, agora, por meio da parceria com a Fundação RTVE, permite que familiares e amigos impossibilitados de comparecer à cerimônia possam também acompanhá-la a qualquer distância.



Mário Braz

O engenheiro agrônomo Cristiano Viana Franco assiste à transmissão da formatura de Medicina direto de sua casa

Com a maior parte da família morando no Piauí, o formando de Medicina, Diogo Nogueira Aires, avaliou que a transmissão ao vivo foi de grande valia. "Parte dos meus familiares veio para a formatura, mas, para os que não puderam vir, foi a chance de acompanhar o momento e de estarem, de alguma forma, presentes nessa realização", explicou ele.

De acordo com o diretor executivo da Fundação RTVE, Carlito Lariucci, as transmissões ao vivo serão estendidas a outros eventos importantes da universidade, como as reuniões dos conselhos superiores da UFG. O *link* das imagens no sítio da Fundação RTVE (www.rtve.org.br) é acessível apenas em tempo real. Mas está prevista a exibição de todas as colações de grau pelo Canal da TV UFG no *Youtube*, para que os interessados possam acessar e também gravar as imagens.

64a. Reunião Anual da SBPC recebe inscrições

Depois da 63a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em 2011, já estão abertas as inscrições para a apresentação de trabalhos ou simples participação na 64ª Reunião da SBPC, que será realizada de 22 a 27 de julho, na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em São Luís. Este ano, o tema central do evento é "Ciência, Cultura e Saberes Tradicionais para Enfrentar a Pobreza". Quem fizer inscrição de trabalhos até o dia 2 de abril (preenchimento do formulário e pagamento da taxa) poderá enviar o resumo até o dia 9 do mesmo mês.

O maior evento científico do Brasil dedica, nesta edição, ações à acessibilidade e à sustentabilidade. O objetivo é inserir definitivamente a SBPC no modelo sustentável de evento. O sítio do evento (www.sbpcnet.org.br/saoluis), por exemplo, é compatível com programas que irão auxiliar deficientes visuais a acessar seu conteúdo. Outra preocupação é diminuir ao máximo o uso de papel e plástico.

Já tradicional, a programação da 64a. Reunião da SBPC contará com centenas de atividades, entre conferências, simpósios, mesas-redondas, encontros e sessões especiais, das quais participarão cientistas renomados de todo o país para discutir políticas públicas em ciência, tecnologia e inovação, educação, saúde e meio ambiente, além de difundir o conhecimento científico nas mais diversas áreas. Os interessados devem estar atentos às inscrições para os minicursos, cujos temas são de interesse tanto de universitários e pesquisadores, como de professores do ensino básico.

A ExpoT&C, uma das maiores mostras de ciência, tecnologia e inovação, e a SBPC Jovem, programação voltada especialmente para estudantes da educação básica, com atividades que estimulem o interesse pela ciência, também constam na programação. Durante todo o evento, haverá espaço para apresentações artísticas e culturais da região.

Ao se inscrever na Reunião pelo sítio do evento, pessoas com alguma deficiência poderão solicitar, com antecedência, auxílio conforme suas necessidades. A comunidade em geral pode participar gratuitamente do evento para discutir assuntos do interesse coletivo.

Jornada de 30 horas para os servidores permanece em pauta

Michele Martins

Com a aproximação da eleição para a diretoria do SINT-IFESgo, marcada para o dia 29 de março, a discussão sobre a viabilidade de adoção da jornada de trabalho de 30 horas para todos os servidores da UFG reaparece na pauta. No dia 7 de fevereiro o SINT-IFESgo promoveu um café da manhã em frente à Reitoria para reivindicar a implantação dos turnos contínuos, com a adoção da jornada de 30 horas semanais.

Conforme noticiado na edição n° 48 do **Jornal UFG**, uma comissão paritária, composta por dez membros que seriam indicados pela Reitoria e pela categoria, por intermédio do sindicato, deverá estudar a viabilidade de implementação da proposta. De acordo com o pró-reitor de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos, Jeblin Abraão, o objetivo da comissão será avaliar a situação das unidades acadêmicas e órgãos da instituição para adequar o trabalho dos servidores ao que determina o Decreto nº 4.836, de 2003, o qual faculta aos reitores das instituições de ensino superior determinar o cumprimento de uma jornada de 30 horas semanais de trabalho para os servidores lotados em órgãos de funcionamento contínuo ou até 12 horas ininterruptas.

Para o coordenador geral do SINT-IFESgo, João Pires, há uma divergência sobre o papel da comissão que, em seu entendimento, também deveria discutir questões relacionadas com o atendimento prestado à comunidade e a qualidade de vida no trabalho na universidade. Segundo informou o coordenador, o sindicato já indicou os nomes dos servidores para compor a comissão em um seminário ocorrido no dia 16 de dezembro de 2011. O pró-reitor anunciou que o início das atividades da comissão está previsto para março, sendo aguardada apenas a publicação da portaria que designa seus integrantes. A servidora Natália Teixeira questiona a validade da indicação dos nomes pelo sindicato, uma vez que o seminário não foi amplamente divulgado na comunidade acadêmica. Para o servidor Gibran Jordão, "A indicação dos nomes deveria sair de uma assembleia", destacou.

Carlos Siqueira

Servidores realizaram café da manhã na entrada da Reitoria pela implantação definitiva das 30 horas semanais

Abertas inscrições para cursos de capacitação

Com o objetivo de capacitar os servidores da UFG, o Centro de Treinamento e Desenvolvimento de Pessoas (CT&D), do Departamento de Desenvolvimento e Recursos Humanos (DDRH), oferece uma diversidade de cursos, com base em levantamento prévio das necessidades em todos os setores da instituição. Encontram-se abertas as inscrições para cursos em diversas áreas do conhecimento e comuns a todos os ambientes de trabalho. Ao todo são 41 turmas, presenciais e semipresenciais, com 1.015 vagas, destinadas não apenas aos servidores técnico-administrativos e docentes, mas também aos trabalhadores terceirizados, estagiários e bolsistas da instituição. Confira a lista de cursos e os procedimentos para inscrição no sítio www.ddrh.ufg.br.

Magno Medeiros*

ARTIGO

Parecia impossível

Janeiro de 2006. Uma nova e aguerrida equipe tomava posse na Administração Superior da UFG, comandada pelo reitor Edward Madureira Brasil. Na Assessoria de Comunicação, havia somente uma jornalista, uma profissional de Relações Públicas e quatro alunos bolsistas. Além de dois professores: eu próprio e o professor Venerando Ribeiro de Campos, que iríamos coordenar a Ascom. Éramos muito poucos. Parecia impossível, nessas condições, criar um jornal com periodicidade regular, pois não havia recursos humanos, nem financeiros e menos ainda a infraestrutura necessária para o desenvolvimento de tal projeto.

Entretanto, enfrentar obstáculos buscando superá-los é uma especialidade do reitor que acabara de tomar posse. Com a garra do líder Edward Madureira Brasil e com o irrestrito apoio do pró-reitor de Administração e Finanças, Orlando Afonso Valle do Amaral, aceitamos o desafio de criar o jornal. A primeira dificuldade era constituir uma equipe. Conseguimos o apoio de professores da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb), a exemplo da professora Silvana Coleta, que aceitou ser a editora-chefe da publicação. A partir daí, conseguimos remanejar para a equipe da Ascom alguns profissionais de jornalismo (a exemplo de Silvânia de Cássia Lima), de fotografia (Carlos Siqueira) e de editoração eletrônica (Cleomar Nogueira). Formamos também uma entusiasmada equipe de alunos, que passaram a atuar como estagiários na Ascom. A sorte estava lançada. Com equipe e estrutura mínimas, iniciamos o jornal. Em junho de 2006 publicamos a primeira edição do **Jornal UFG**.

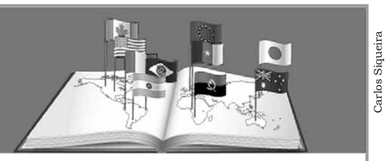
Agora, ao brindarmos a edição nº 50, constatamos, com alegria, que a equipe do jornal cresceu significativamente, qualificando ainda mais o produto final. A publicação se fortaleceu e, hoje, está consolidada como um dos principais veículos da UFG. E com destaque na imprensa universitária nacional. Sim, pois o jornal tem em seu currículo a conquista do Prêmio Destaque Andifes de Jornal das IFES, conseguindo o terceiro lugar na categoria de Jornalismo Impresso.

É importante afirmar que o **Jornal UFG** desempenha com plenitude a sua missão primordial: colocar-se como um canal de comunicação a serviço da comunidade universitária e em interação com a sociedade em geral. Um veículo marcadamente democrático, que valoriza a diversidade de valores da cultura brasileira, que abre espaço para a polifonia de vozes, fazendo valer a pluralidade de ideias. Um espaço aberto a sugestões e críticas emanadas da comunidade regional, visando manter e ampliar os espaços de participação política na arena da liberdade de expressão.

Pautado nos valores de democracia participativa, com base no *lócus* da comunicação pública, o **Jornal UFG** é, hoje, sem dúvida, uma vitrine da produção intelectual da universidade, divulgando os produtos e serviços gerados no campo do ensino, da pesquisa, da extensão e da cultura. Além de contribuir para a socialização do conhecimento e para a popularização da ciência, o jornal cumpre uma importante meta institucional: dar visibilidade e garantir transparência acerca dos atos e fatos produzidos pela universidade. Ao se manter a atual equipe de profissionais, professores e estudantes à frente do jornal, a publicação continuará buscando realizar o seu objetivo essencial: um veículo democrático, de debate de ideias, que cultiva as diferenças, que abre espaço para a diversidade e a heterogeneidade de pensamento e de valores e que presta importantes serviços à construção da cidadania.

***Magno Medeiros é diretor da Facomb/UFG e foi coordenador de imprensa da UFG (2006-2008).**
E-mail: magno.ufg@gmail.com

CAI
Coordenadoria de Assuntos Internacionais



Carlos Siqueira

Interesse de estudantes da UFG por intercâmbios aumenta

A internacionalização do ensino na UFG nunca foi tão intensa como atualmente. De acordo com dados da Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAI), só na graduação, em 2011, foram contabilizadas 143 saídas e cerca de 40 recepções de estudantes em mobilidade acadêmica. Em janeiro de 2012, 22 estudantes da UFG partiram para os Estados Unidos, Canadá, Japão, Espanha e Inglaterra, com bolsas oferecidas pelo programa Santander de Bolsas Ibero-Americanas e, principalmente, pelo programa Ciência Sem Fronteiras, do governo federal. São estudantes de diferentes cursos das áreas de Exatas, Humanas e Biológicas. Todos eles farão graduação sanduíche e alguns desenvolverão também projetos de iniciação científica nas instituições estrangeiras. Entre os selecionados está a estudante de Enfermagem do Câmpus Catalão, Peandra Paula Ribeiro. Ela já fez estágio científico na Universidade de Toyama, no Japão, em 2010 e 2011, e agora retornará para desenvolver, por um período de um ano, o seu projeto de iniciação científica, além de frequentar disciplinas.

Dicas dos selecionados – A principal dica apontada pelos estudantes selecionados para conquistar uma vaga de intercâmbio é o domínio da língua estrangeira. "Somente quando aparecem oportunidades reais de intercâmbio é que nos damos conta de quanto é importante o domínio de uma língua estrangeira", destacou o estudante de Odontologia, Bruno Medeiros. Outra dica é buscar informações sobre o custo de vida na cidade. Para André Reis, é importante que os intercambistas avaliem se o valor da bolsa oferecida pelo programa é suficiente para custear as despesas durante todo o período de estadia no exterior. "O custo de vida varia em cada cidade. Às vezes, o valor da bolsa não é suficiente em determinado local", afirmou o estudante.

Novos editais – A CAI aguarda o lançamento das chamadas públicas para mobilidade em Portugal, Espanha, Bélgica, Coreia e Canadá, em março de 2012. Na sequência a Coordenadoria publicará o edital de pré-seleção que contemplará cursos de graduação. Os estudantes interessados devem ficar atentos às informações que serão divulgadas, em breve, no sítio da CAI (www.cai.ufg.br).

Estudantes são selecionados para intercâmbio na Argentina

Seis alunos participarão do Programa de Mobilidade de Estudantes de Pós-graduação (PMEP), da Associação de Universidades Grupo Montevidéu (AUGM). A AUGM é considerada a maior rede de cooperação educativa entre instituições públicas da América do Sul e foi criada em 1991 para formar uma rede de integração e cooperação educativa regional. Atualmente reúne instituições de cinco países: Argentina, Chile, Paraguai, Uruguai e Brasil. A UFG integra o grupo desde 2010, com o propósito de ampliar o conhecimento da realidade dos demais países sul-americanos e incentivar estudos dos problemas dessa região.

Mário Braz

Da direita para a esquerda, o vice-reitor Eriberto Bevilaqua, a pró-reitora de Pós-graduação Divina Cardoso, o doutorando de Ciências da Saúde, Hugo Dellon, Alexandra Silva, da CAI, e os mestrandos Marcelo Perilo (Antropologia Social), Gabriel Adams (Letras) e Dien Liulu (Ciência e Tecnologia de Alimentos). Os pós-graduandos fazem parte do grupo selecionado pelo PMEP para diferentes instituições argentinas.

COMUNIDADE PERGUNTA

Existe previsão para a abertura de novos cursos de graduação na UFG?

Emeilton de Lacerda Rezende
7º período do curso de Jornalismo

Pró-reitora de Graduação, Sandramara Matias

Serão criados novos cursos nos dois novos câmpus da UFG que serão instalados em Cidade Ocidental e Aparecida de Goiânia. Já existe uma proposta da comissão para criação dos cursos, mas ela ainda será discutida e aprovada pelos conselhos superiores da universidade. Temos ainda a previsão de um curso para o Câmpus Cidade de Goiás. O conselho diretor do câmpus criou uma comissão para definir qual será esse curso. Há a possibilidade também da criação do curso de Relações Internacionais em Goiânia, possivelmente em 2012, dentro do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades (Reuni). A curto prazo, não está programada a criação de outros cursos. Mas qualquer unidade acadêmica que possua condições efetivas para oferecer a graduação pode propor a criação de um novo curso.

Carlos Siqueira, fotógrafo da Ascom/UFG

Notícia também é contada por imagens. Aliás, há imagens que dizem tudo, uma prova irrefutável de fatos noticiosos e que tem sido largamente utilizada com os novos recursos digitais. Daí a importância do fotojornalismo, que integra as notícias veiculadas em diversos meios (impresso, web, TV). Desde a primeira edição, o **Jornal UFG** conta com o profissionalismo do repórter fotográfico Carlos Siqueira. Sempre atento e criativo, Carlos tem desenvolvido a capacidade de enxergar além do óbvio, buscando transmitir o fato, por meio de outros olhares da realidade. Com isso, contribui, com arte e talento, para os registros imagéticos da história da UFG. Aqui, algumas de suas fotos.

Outras podem ser vistas em www.jornalonline.ufg.br